

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL

ANA PAULA MATOS BAZÍLIO

MEDIAÇÃO, LEITURA E INCLUSÃO SOCIAL: um caminho para ação cultural na  
Biblioteca Pública- o caso das Bibliotecas Parques

Niterói  
2014



ANA PAULA MATOS BAZÍLIO

**MEDIAÇÃO, LEITURA E INCLUSÃO SOCIAL:** um caminho para ação cultural na  
Biblioteca Pública- o caso das Bibliotecas Parques

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.  
Orientadora: Prof. Dr. Nanci Gonçalves da Nóbrega.

Linha de Pesquisa 1: Informação, Cultura e Sociedade.

Niterói,  
2014

ANA PAULA MATOS BAZÍLIO

**MEDIAÇÃO, LEITURA E INCLUSÃO SOCIAL:** um caminho para ação cultural na  
Biblioteca Pública- o caso das Bibliotecas Parques.

Dissertação de Mestrado apresentado ao  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da  
Informação (PPGCI) da Universidade Federal  
Fluminense como requisito parcial para obtenção  
do título de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa 1: Informação, Cultura e  
Sociedade.

Aprovada em:\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Nanci Gonçalves da Nóbrega- UFF  
Orientadora

---

Prof. Dr. Elisa Campos Machado- UNIRIO

---

Prof. Dr. Elisabete Gonçalves de Souza- UFF

---

Prof. Dr. Cícera Henrique da Silva- FIOCRUZ

---

Prof. Dr. Márcia Heloísa Tavares de Figueiredo Lima - UFF

Niterói,

2014

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus acima de tudo.

À minha orientadora prof. Dr. Nanci Gonçalves da Nóbrega, pela sua orientação sempre presente, pelo carinho, dedicação e auxílio na construção desta pesquisa.

Aos professores da banca: Elisabete Gonçalves, Elisa Machado, Márcia Heloísa e Cícera Henrique pela gentileza de refletir sobre este tema.

Às minhas amigas de trabalho: Rosa Bruno, Verônica Souza Gomes e Cátia Vasconcellos Marques por entender meus momentos de ausência.

À minha amiga de turma Jaciara Azeredo, por compartilhar as angústias, vitórias e todo o desenvolvimento da presente pesquisa.

À minha família: meu pai Roberto, minha mãe Marizete, minha irmã Marcela, meu marido Cláudio e meu filho Vinícius pelo incentivo, demonstrações de carinho e compreensão que foram imprescindíveis para finalização desta dissertação.

“As pessoas costumam dizer que a motivação não dura sempre. Bem, nem o efeito do banho, por isso recomenda-se diariamente”.

Zig Ziglar

## RESUMO

A presente dissertação pretende discutir qual é o verdadeiro papel que a Biblioteca Pública exerce na potencialização da cidadania. Para isso, analisamos os pressupostos teóricos relativos: a ação cultural, leitura, mediação, política pública de cultura, inclusão social, Biblioteca Pública e Biblioteca Parque. O campo empírico do nosso trabalho é composto pelas bibliotecas: Biblioteca Pública de Niterói, Biblioteca Parque da Rocinha e Biblioteca Parque de Manguinhos. A pesquisa é de cunho qualitativo e o percurso metodológico que utilizamos foi a observação não-participante, o diário de campo e as entrevistas abertas com os profissionais atuantes nessas instituições e com a comunidade usuária. O recorte temporal de nossa pesquisa foi de agosto de 2012 a maio de 2014. Ao final da pesquisa a Biblioteca Pública de Manguinhos constituiu-se o foco principal de nossas análises. Por conta do trabalho de mediação que é desenvolvido com os seus usuários. Constatamos que as Bibliotecas Parques necessitam de um trabalho intenso de mediação de leitura para que a inclusão cultural se configure um processo de inclusão social de todos os sujeitos sem distinção.

**Palavras- chave:** Mediação de leitura, ação cultural, inclusão social, Biblioteca Pública.

## **ABSTRACT**

This dissertation discusses what is the true role the public library plays in the potentiation of citizenship. For this, we analyze the theoretical assumptions concerning: cultural action, reading, mediation, public policy, culture, social inclusion, Public Library and Library Park. The empirical field of our work consists of the library: Public Library of Niterói, Library Park Rocinha and Library Park Manguinhos. The research is a qualitative study and methodological approach we use is participant observation, field diary and open interviews with professionals working in these institutions and the user community. The time frame of our study was from August 2012 to May 2014. At the end of the study Library Manguinhos constituted the main focus of our analysis. Because of the work of mediation that is developed to its users. We note that the Libraries Parks require an intense reading mediation for cultural inclusion would set up a process of social inclusion of all individuals without distinction.

**Keywords:** Reading mediation, cultural action, social inclusion, public library

## LISTA DE FIGURAS

- Fig. 1:** Entrada da Biblioteca Pública de Niterói, f.63
- Fig. 2:** Fachada da Biblioteca Pública de Niterói, f.65
- Fig. 3:** Lateral da Biblioteca Pública Parque da Rocinha, f.73
- Fig. 4:** Salão de Leitura da Biblioteca Parque da Rocinha- 3. andar, f.74
- Fig. 5:** Salão de Leitura da Biblioteca Parque da Rocinha- 3. andar, f.75
- Fig. 6:** Salão de Leitura da Biblioteca Parque da Rocinha- 3. andar, f.75
- Fig. 7:** Ludoteca da Biblioteca Parque da Rocinha- 3. andar, f.76
- Fig. 8:** Ludoteca da Biblioteca Parque da Rocinha – 3. andar , f.77
- Fig.9:** Pátio interno da Biblioteca Parque da Rocinha, f.77
- Fig.10:** Fachada da Biblioteca Parque da Rocinha, f.78
- Fig. 11:** Expositor da Biblioteca Parque da Rocinha, f.79
- Fig. 12:** Escada da Biblioteca Parque da Rocinha, f. 79
- Fig. 13:** Fotos da escada da Biblioteca Parque da Rocinha, f.80
- Fig. 14:** Fotos da Via Sacra dramatizada pelo grupo de teatro da Rocinha, f.80
- Fig. 15:** Mostra Petrobras de Cinema da Biblioteca Parque da Rocinha – Xingu, f.81
- Fig. 16:** Teatro da Biblioteca Parque da Rocinha, f.82
- Fig. 17:** Espaço internet livre da Biblioteca Parque da Rocinha, f.83
- Fig.18:** Espaço em Braille da Biblioteca Parque da Rocinha, f. 84
- Fig. 19:** Fachada da Biblioteca Parque de Manguinhos, f.85
- Fig. 20:** Parte interior da Biblioteca Parque de Manguinhos, f.85
- Fig. 21:** Adolescente utilizando os computadores na Biblioteca Parque de Manguinhos, f.86
- Fig.22:** Cine Teatro da Biblioteca Parque de Manguinhos, f.88
- Fig.23:** Ludoteca da Biblioteca Parque de Manguinhos, f.89
- Fig. 24:** salão principal da Biblioteca Parque de Manguinhos, f.90
- Fig. 25:** salão principal da Biblioteca Parque de Manguinhos, f.90
- Fig. 26:** setor de pesquisa da Biblioteca Parque de Manguinhos, f.91
- Fig. 27:** setor de pesquisa da Biblioteca Parque de Manguinhos, f.91
- Fig. 28:** sala meu bairro da Biblioteca Parque de Manguinhos, f.92
- Fig.29:** setor de Multimídia da Biblioteca Parque de Manguinhos, f.93
- Fig. 30:** Ludoteca da Biblioteca Parque de Manguinhos, f.94
- Fig.31:** criação das crianças da Biblioteca Parque de Manguinhos, trabalho feito com sucatas, f.94



**Fig. 32:** fotos das crianças da Biblioteca Parque de Manguinhos, f.95

**Fig. 33:** fotos do cartaz do primeiro concurso de Desenhos Mangás e Historia em Quadrinhos, f.96

**Fig. 34:** Expositor de Histórias em Quadrinhos da Biblioteca Parque de Manguinhos, f.96

**Fig. 35:** fotos da exposição – Vida das Ruas –Biblioteca Parque de Manguinhos, f.97

**Fig. 36:** fotos da exposição – Vida das Ruas –Biblioteca Parque de Manguinhos, f.97

**Fig. 37:** fotos da palestrante Jaciara Azeredo. Premiação de Histórias em Quadrinhos da Biblioteca Parque de Manguinhos, f.98

**Fig. 38:** crianças fotografando a premiação do concurso de HQs na Biblioteca Parque de Manguinhos, f.98

## SUMÁRIO

**LISTA DE FIGURAS, p.8**

**1 INTRODUÇÃO, p.11**

**2 CULTURA PARA AÇÃO CULTURAL, p.15**

2.1 AÇÃO CULTURAL UMA AÇÃO TRANSFORMADORA, p.18

**3. DESESCOLARIZAÇÃO DA LEITURA, p.31**

3.1 O LEITOR NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS, p.35

3.2 MEDIAÇÃO DE LEITURA, p.37

**4. POLÍTICA PÚBLICA DE CULTURA, p.41**

4.1 PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA, p.45

4.2 POLÍTICA CULTURAL COMO CIDADANIA CULTURAL, p.48

**5. BIBLIOTECA PARQUE UMA BIBLIOTECA VERDADEIRAMENTE  
“PÚBLICA”? , p.51**

5.1 INCLUSÃO CULTURAL PARA A INCLUSÃO SOCIAL NA BIBLIOTECA PARQUE,  
p.58

**6 UM OLHAR SOBRE AS BIBLIOTECAS PARQUES, p.62**

6.1 BIBLIOTECA PÚBLICA DE NITERÓI, p.63

6.2 BIBLIOTECA PARQUE DA ROCINHA, p.73

6.3 BIBLIOTECA PARQUE DE MANQUINHOS, p.84

**7 CONSIDERAÇÕES FINAIS, p.110**

**REFERÊNCIAS, p.113**

## 1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, a proposta desta dissertação foi analisar aspectos da inclusão social junto a Biblioteca Pública de Niterói. Pelo fato de Niterói estar inserido na metodologia Parque, propus a visita à Biblioteca Parque da Rocinha e à Biblioteca Parque de Manguinhos, no Rio de Janeiro. Apaixonei-me por Manguinhos e, ao final da pesquisa, esse espaço constituiu-se no foco principal de análises e observações, ao que se refere aos aspectos do campo empírico, por conta do trabalho desenvolvido de mediação de leitura, entre os usuários.

Ao nos debruçar sobre a questão central desta pesquisa, a inclusão social, no contexto citado acima, nos aproximamos também, dos aspectos da ação cultural, da leitura, mediação e política cultural. Aspectos estes que devem ser contemplados na inclusão social, para que esta se configure, efetivamente, em um processo de inclusão cultural entre todos os indivíduos, sem distinção alguma.

A Biblioteca Pública foi escolhida por acreditarmos ser uma tipologia de biblioteca em que a ação cultural se apresenta como uma das principais funções, entre as desenvolvidas. Dessa forma, o presente trabalho pretende discutir, de uma forma ampla, aspectos sobre o papel que a Biblioteca Pública exerce na potencialização da cidadania. Para isso, realizamos um recorte, ou seja, observações e entrevistas em três bibliotecas que utilizam a “metodologia Parque”, assim como, efetivamos uma revisão de literatura sobre os temas **Ação Cultural, Leitura, Mediação, Políticas Públicas de Cultura e Inclusão Social**. Esses conceitos foram associados ao contexto da Biblioteca Pública, no intuito de realizar as possíveis relações, entre, a contribuição desta, para a efetivação e desenvolvimento da cidadania.

Vale ressaltar, conforme apresentado anteriormente que, o campo empírico do presente trabalho é composto pelas bibliotecas: Biblioteca Pública de Niterói, Biblioteca Parque da Rocinha e Biblioteca Parque de Manguinhos.

Quanto à Ciência da Informação, a pesquisa encontra justificativa na seguinte reflexão de Bernardino e Suaiden (2011, p. 32): “há uma relação entre o que diz a missão da Biblioteca Pública: oferecer serviços com base na disseminação da informação, cultura e do conhecimento e o que diz a Ciência da Informação ao estudar a relação entre informação e o conhecimento”.

Portanto, discutir ação cultural como estratégia para inclusão social através da mediação de leitura. É objetivo principal da nossa pesquisa. Já, os objetivos específicos se constituem em: observar se ação cultural é prática constante nessas bibliotecas, identificar quais são as práticas de leitura realizadas por essas instituições, observar como é realizado o processo de mediação de leitura e, se o bibliotecário participa desse processo?

No intuito de alcançar aos objetivos propostos, investigamos os pressupostos teóricos relativos à Cultura, Ação Cultural, Leitura, Inclusão Social e Cultural, Políticas Públicas de Cultura, Biblioteca Pública e Biblioteca Parque, associando-os à experiência de oito visitas à essas instituições, onde foram realizadas entrevistas e observação participante. O período de investigação, na perspectiva empírica, foi o de 28/08/2012 à 30/05/2014.

Uma análise documental referente à Biblioteca Parque foi realizada para esta pesquisa e, nesse sentido, utilizamos os seguintes documentos: o Plano Nacional de Cultura (2012), Diretrizes para a Política Nacional do Livro e Leitura (2013), Manifesto da UNESCO sobre Biblioteca Pública, os *folders* das três Bibliotecas Parques e as informações do *site* da Secretaria de Cultura.

Compondo a metodologia do trabalho utilizamos Minayo (1993), Boni e Quaresma (2005), Lopes (2006), Braga (2007) e Mueller (2007).

Constatamos que a pesquisa é de cunho qualitativo. Vimos que de acordo com Braga (2007, p. 21), a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como construtos de *versões da realidade*. O mais importante nesse tipo de pesquisa é o sujeito que descreve sobre a realidade ou o fenômeno em que está inserido. Portanto, também atribuiremos o foco no sujeito, usuários e não usuários da Biblioteca Pública.

Braga (2007, p. 29) afirma que: “Na pesquisa qualitativa, as subjetividades do pesquisador e também dos sujeitos estudados, são partes fundamentais do processo de pesquisa”. Em nossa proposta, a questão da subjetividade está presente no diário de campo, ao que se percebe nas três Bibliotecas em questão. A autora também ressalta que: “o objetivo das pesquisas qualitativas seria não apenas testar o que é conhecido, mas de fazer novas descobertas e desenvolver novas teorias com base na experiência empírica” (BRAGA, 2007, p. 28). O nosso campo empírico constituído pelas Bibliotecas Parques é um campo novo que investigamos.

O paradigma adotado em nossa pesquisa é a etnometodologia que se caracteriza pelas, “rotinas do cotidiano e pelo modo como os indivíduos, produzem interativamente

a realidade social. A análise nessa abordagem é focada nas atividades cotidianas com objetivo de explicá-las racionalmente” (BRAGA, 2007, p. 32).

O percurso metodológico desenvolvido foi um **diário de campo**, que será apresentado no capítulo *um olhar sobre as Bibliotecas Parques*, com o método da **observação não-participante** nas três bibliotecas e as **entrevistas abertas**, realizadas com os profissionais e membros da comunidade.

Minayo (1993, p. 100) faz uma breve explicação sobre o **diário de campo**, que segundo ela, se caracteriza como relatos de registros diários, podendo ser definido como: as informações que não contam nas *entrevistas formais*, são sempre as observações do observador sobre o comportamento, atitudes, conversas informais, instituições, ações enfim todos os registros informais que digam respeito com o seu tema de pesquisa.

Sobre a **observação não-participante** Lopes (2006, p. 172) explica que: “é aquela que o observador permanece fora da realidade estudada. Seu papel é de espectador, não interferindo ou envolvendo-se na situação”.

Porém durante essa pesquisa, vivenciamos um longo processo. Apresentamos aos responsáveis pelas instituições a proposta de nosso trabalho e solicitamos a autorização para a realização e o desenvolvimento das atividades. Gradativamente, foram se estabelecendo os laços de cooperação e confiança.

As **entrevistas abertas** podem ser entendidas como aquelas que atendem principalmente finalidades exploratórias. É bastante utilizada para o detalhamento de questões e formulações mais precisas dos conceitos relacionados. De acordo com sua estruturação, o entrevistador introduz o tema e o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre o tema sugerido. (BONI; QUARESMA, 2005, p. 74). Ainda segundo os autores, a vantagem dessa técnica consiste em explorar mais amplamente uma questão de pesquisa. A entrevista é feita em forma de uma conversa informal, onde, o entrevistador, interfere pouco, sendo mais um ouvinte. Dessa forma o entrevistador não fica tão exposto ao risco de terminar precocemente a entrevista, ou perder algum dado importante da fala do informante.

Vale esclarecer que esta pesquisa não é um estudo de caso, o que exigiria uma observação intensiva e profunda do contexto estudado. Realizamos visitas e fizemos algumas entrevistas. Não vivenciamos a realidade das Bibliotecas Parques.

A presente dissertação se estrutura da seguinte forma:

Na introdução discorremos sobre as principais razões que nos levaram a optar por essa pesquisa, assim como, o contexto ao qual se originou, a problemática a que esse contexto se insere, a justificativa, os objetivos gerais e o percurso metodológico.

O segundo capítulo apresenta o conceito de ação cultural, através da concepção dos autores clássicos, como: José Teixeira Coelho Neto (1988), Victor Flusser (1980, 1982, 1983), Luiz Milanesi (1986) e Paulo Freire (2002). Realizamos associações entre as concepções de ação cultural e Biblioteca Pública. Vale enfatizar que, ação cultural, aqui tratada, se configura em uma ação transformadora, libertadora e que estimula a criatividade de cada sujeito, tornando-o capaz de questionar a realidade a sua volta.

O terceiro capítulo irá discorrer sobre concepções de leitura. Para isso, mencionamos Freire (2011), Manguel (1999, 2000), Yunes (2002) e Nóbrega (2003, 2009). Uma concepção de leitura baseada na visão de mundo e na experiência de cada sujeito. Abordamos a desescolarização da leitura e analisamos o conceito de mediação, que é o foco de trabalho das Bibliotecas Parques, campo empírico do nosso trabalho. Concordamos que a mediação de leitura é o caminho para pensarmos a ação cultural na Biblioteca Pública.

No quarto capítulo, abordamos brevemente a temática Política Pública de Cultura no Brasil, onde estudamos a Política Cultural voltada para a Biblioteca Pública e apontamos alguns aspectos importantes sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura, atual política de Estado.

No quinto capítulo, escrevemos sobre a missão e o papel social da Biblioteca Pública. Relacionamos Biblioteca Pública com as temáticas que norteiam nossa pesquisa. Também abordamos o tema da inclusão social, enfatizando o direito à cultura e à educação. Entendendo que, a efetiva inclusão social abrange a inclusão cultural de todos os cidadãos e sob esse prisma, concluímos que são objetivos compatíveis à missão da Biblioteca Pública.

No sexto e último capítulo, relatamos as visitas feitas às Bibliotecas: Rocinha, Niterói e Manguinhos. Utilizamos as técnicas de diário de campo, observação não-participante e entrevistas abertas. Nesse capítulo damos ênfase às experiências relacionadas às visitas, principalmente, as realizadas durante o segundo ano de Mestrado. E diante do referencial teórico utilizado, como base dessa pesquisa, refletimos sobre o campo empírico.

A mediação de leitura é o aspecto central da nossa pesquisa, a partir dele, podemos pensar a ação cultural desenvolvida nas Bibliotecas Parques.

## 2 CULTURA PARA AÇÃO CULTURAL

Flusser (1980, p. 131) afirma que: *para uma Biblioteca ser verdadeiramente Pública deve ser uma Biblioteca ação-cultural*. Por esse motivo, a ação cultural é o cerne de nossa pesquisa.

A Biblioteca pode ser entendida como um aparelho cultural, principalmente a Biblioteca Pública, que deverá ter uma função social atuante para o seu usuário. A importância da função social está na mediação da formação do sujeito e o desenvolvimento da cidadania. De acordo com Almeida Júnior (2003, p. 68), são quatro as funções da Biblioteca Pública. São elas, as funções educacional, informacional, **cultural** e de lazer.

De acordo com essas funções, elaboramos um referencial teórico sobre ação cultural e suas relações com a questão da cultura.

Compondo o referencial teórico, utilizamos os seguintes autores: Geertz (1972)<sup>1</sup> e Chauí (1992, 2008).

Iniciamos com o brilhante pensamento sobre cultura de Clifford Geertz (1972), um dos principais antropólogos do século XX \*. Em seu livro *A Interpretação da Cultura*, faz uma crítica ao conceito reducionista de cultura, referenciando o autor Kluckhohn<sup>2</sup>.

Kluckhohn conseguiu definir cultura como: o modo de vida global e um povo; o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo; uma forma de pensar e acreditar; uma abstração do comportamento; uma teoria elaborada pelo um antropólogo; sobre a forma pelo qual um grupo de pessoas se comporta realmente; um celeiro de aprendizagem em comum; um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes; comportamento aprendido; um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento; um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens; um precipitado da história (GEERTZ, 1972, p. 13).

<sup>1</sup> Há edição mais recente: GEERTZ, Clifford: **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 2011.

<sup>2</sup> KLUCKHOHN, Clyde. **Antropologia: um Espelho para o Homem**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1972.

\* A conceituação de cultura do presente capítulo resulta da Atividade Programada: *O conceito de interpretação e a questão do sentido: Eco, Geertz, Certeau*, ministrada por Nanci Gonçalves da Nóbrega. Disciplina oferecida no segundo semestre de 2012 do Mestrado - Programa de Pós Graduação- UFF. Essa Atividade contribuiu de forma relevante para reflexão da nossa questão de pesquisa, a ação cultural na Biblioteca Pública.

Geertz (1972) critica o uso excessivo do termo cultura, onde as definições são geralmente abrangentes demais e tudo pode ser definido como cultura. O autor defende que o conceito deva ter um argumento e apresentar um desenvolvimento.

Em contrapartida, Geertz afirma que:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a **teias de significados que ele mesmo teceu**. Assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, a procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície (GEERTZ, 1972, p. 14 Grifo Nosso).

Analisando Geertz (1972), entendemos que a cultura pode ser entendida como uma interpretação que o homem faz do mundo. E que, as teias de significados que o próprio homem teceu, representam as formas de expressão humana, como a família, a arte, o trabalho, a religião. Ou seja, o homem vivendo em coletividade e em constante interação com o meio. Percebemos essas teias de significados como base para a reflexão da ação cultural na Biblioteca Pública, no sentido em que essa ação possa auxiliar o sujeito a fazer a interpretação do mundo em que vive e a realidade que o cerca.

Marilena Chauí, em seu artigo Cultura e Democracia (2008), descreve as diversas significações do termo cultura que, com o passar do tempo e a evolução das sociedades, foram se modificando. Inicialmente, a autora analisa etimologicamente o vocábulo nos levando a alcançar seu valor semântico.

A palavra **cultura** tem origem latina e provém do verbo *colere*. Quanto ao significado, corresponde a ‘cultivo’, ‘cuidado com a terra’, relacionado à agricultura. Com as crianças, puericultura e, com os deuses e o sagrado, o culto (2008, p. 55).

Durante o século XVIII, esse sentido foi se perdendo e, no Iluminismo, o termo cultura ressurgiu como sinônimo de civilização. Dessa forma, **cultura** passa a ser entendida como um conjunto de práticas (artes, ciências, técnicas, filosofia, os ofícios) que permite avaliar e hierarquizar o valor dos regimes políticos, segundo um critério de evolução.

Uma concepção ampliada de cultura surge a partir da segunda metade do século XX.



O termo cultura passa a ter uma abrangência que não possuía antes, sendo agora entendida como produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, das formas da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, a música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou estrutura da família, das relações de poder, da guerra e da paz, da noção da vida e morte. A Cultura passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores (CHAUÍ, 2008, p. 57).

De acordo com esta citação, percebemos que a autora compreende cultura no sentido antropológico amplo de invenção coletiva e temporal de práticas, valores, símbolos e idéias que marcam a ruptura do humano em face das coisas naturais, com a instituição de linguagem. Afirma que cultura é um dado ou um fato e que, somos todos, seres culturais.

Chauí levanta o seguinte questionamento: como um conceito tão amplo e generoso pode ser instituído em uma sociedade que é fortemente marcada pela divisão cultural?

Isto posto, podemos pensar em cultura dominante e cultura oprimida, ou do silêncio, conforme definida por Paulo Freire, como veremos adiante. Nessa perspectiva, podemos declarar que existem também tipos de cultura. A erudita, a popular e a cultura de massa.

Chauí (1992) também define cultura como sendo um valor:

Tomamos o trabalho cultural como criação das obras, culturais, pela capacidade humana e ultrapassar os dados imediatas da experiência e dotá-la de um sentido novo trazido pela reflexão e pela escrita/leitura – trata-se das obras de pensamento – ou trazidos pela sensibilidade, pela imaginação, pela inteligência e pela invenção de formas e conteúdos – trata-se das obras de arte. Neste segundo sentido, **a cultura não é um dado, mas um valor e uma avaliação que os humanos fazem do seu próprio mundo** (CHAUÍ, 1992, p. 39 Grifo Nosso).

Em relação às concepções de Chauí e Geertz, observamos aspectos em comum, como por exemplo, o fato de Chauí abordar a cultura como valor e avaliação que o próprio homem faz de seu mundo e, em consonância, Geertz escreve sobre teias de significados e o homem fazendo uma constante análise dessas teias.

Dentro desse contexto, surge uma pergunta bastante conveniente. Por que discutir cultura?

Flusser (1982, p. 233) afirma que todas as definições de cultura - a antropológica, a etnográfica, a psicológica, a econômica e a sociológica - deverão ser vistas a partir da prática da Biblioteconomia. Visto por este prisma, definimos brevemente cultura no sentido de pensarmos sobre a ação cultural desenvolvida na Biblioteca Pública.

## 2.1 AÇÃO CULTURAL. UMA AÇÃO TRANSFORMADORA

Em breve revisão literária a respeito da temática ‘Ação Cultural na Biblioteca Pública’, destacamos os autores clássicos Flusser (1980, 1982, 1983), Luis Milanese (1986), Teixeira Coelho Neto (1988) e Freire (2002). Mencionamos também a grandiosa contribuição de artigos publicados em recentes periódicos onde podemos citar autores como Cabral (1999), Cunha (2003), Almeida (2008), Rosa (2009), Silveira e Reis (2011).

José Teixeira Coelho Neto é construtor de sólidos conhecimentos acerca da ação cultural. A define como “desejo de fazer da arte e da cultura instrumentos deliberados de mudança do homem e do mundo, de forma a possibilitar mais interações entre o homem e a sociedade” (COELHO NETO, 1988, p. 5).

Em sua obra *O que é ação cultural*, logo no início, encontramos uma reflexão sobre o termo e também seu discurso a respeito de cultura que se reflete na concepção de mudança do homem e como a ação cultural contribui para que isso aconteça. “Um processo de ação cultural resume-se na criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas inventem seus próprios fins e se tornem assim sujeitos – sujeitos da cultura, não seus objetos” (COELHO NETO, 1988, p. 14).

Ao refletir sobre o conceito de Coelho Neto (1988) podemos pensar na relação entre bibliotecários e usuários, desenvolvida na ação cultural. O bibliotecário inicia o processo de ação cultural com a intenção de modificar o indivíduo para que ele se torne o próprio sujeito da cultura. O ideal é que o público crie suas próprias idéias deixando fluir a sua imaginação, acrescentando ao final, na atividade cultural, a sua própria visão de mundo. Dessa forma, sujeitos e bibliotecários como criadores da ação cultural.

As características marcantes da ação cultural, ressaltada por Coelho Neto, consistem na transformação do homem e sua capacidade de criação.

A partir do exposto, podemos refletir sobre a seguinte questão: essas características estão presentes no processo de ação cultural desenvolvido pela Biblioteca Pública?

A esse respeito Anelise Jesus Silva da Rosa (2009, p. 373) afirma que:

A importância da prática da ação cultural nas unidades de informação, explica-se pela contribuição educativa que a mesma produz e seu caráter transformador na realidade social, onde os indivíduos tornam-se sujeitos da cultura e criação de novos conhecimentos.

A ação cultural deve ter raiz na comunidade em que a Biblioteca Pública está inserida e, através dessa ação, o direito à cultura se torna concreto.

“Uma ação cultural espontânea só pode, talvez, ser esperada ou ter sucesso quando o que está em jogo é a cultura popular” (COELHO NETO, 1988, p. 56).

A cultura popular é aquela formada no seio da população, não sendo mediada por instituições. Por muitas vezes a cultura popular é silenciada. A Biblioteca Pública deve valorizar esse tipo de cultura, assim como promover todas as outras.

Retornemos a Chauí que irá contribuir no reforço às idéias acima:

**Sabemos que o lugar da cultura dominante é bastante claro: é o lugar a partir do qual se legitima o exercício da exploração econômica, da dominação política e da exclusão social. Mas esse lugar também torna mais nítida a cultura popular como aquilo que é elaborado pelas classes populares e, em particular, pela classe trabalhadora (CHAUÍ, 2008, p.59 Grifo Nosso).**

Nesse aspecto, vale abordar sobre a propagação da cultura através da Biblioteca Pública. Nesse sentido, recorremos a um importante artigo de Fabrício José Nascimento da Silveira e Alcenir Soares dos Reis:

Todo aquele que tencione estabelecer uma aproximação entre o universo de práticas culturais e as atividades desenvolvidas no cerne de uma Biblioteca Pública deve iniciar sua empreitada revocando a idéia de que o conceito “cultura”, independente se erudita ou popular, denota sociológica e antropologicamente a criação de uma ordem simbólica da linguagem, do trabalho, do espaço, do tempo, do sagrado e do profano, do visível e do invisível, enfim, das inúmeras esferas de atuação humana (SILVEIRA; REIS 2011, p. 46 Grifo Nosso).

Ao que diz respeito à cultura popular iremos utilizar os exemplos da Biblioteca Parque da Rocinha e Biblioteca Parque de Manguinhos, localizadas dentro da comunidade. Nessas bibliotecas, notamos algumas atividades culturais produzidas pelos próprios moradores da região. Um exemplo de integração cultural entre a comunidade e a Biblioteca.

Assim sendo, as questões que merecem destaque em nossa pesquisa se relacionam ao direito à cultura, a propagação da cultura popular e a exclusão social. Verificar se a ação cultural desenvolvida pela Biblioteca Pública envolve as questões acima e, como isso ocorre, nos estimulou a pensar e a desenvolver este trabalho. “A ação cultural, que por natureza só existe quando a comunidade não é mais capaz de administrar a concretização de seus próprios mitos ou desejos” (COELHO NETO, 1988, p. 56).

Teixeira Coelho (1988) diferencia *ação cultural* e *animação cultural*. Pensa que na ação cultural existe toda uma intenção com a finalidade de transformar os indivíduos. Já na animação cultural há um começo e um fim definido.

De acordo com o autor, ação cultural não foi sempre o termo usado. No início do século usava-se o termo “animação cultural”. Sobre essa terminologia afirma que:

É uma expressão inadequada, viciada, que revela desde logo sua ideologia: o agente cultural é aqui, um animador, é dele que parte a ação nessa terminologia teológica, é ele o criador. É ele o sujeito, o grande sujeito. Os outros são meros objetos (COELHO NETO, 1988, p. 16).

Ana Maria Rezende Cabral escreve sobre o tema da ação cultural e as possibilidades junto ao profissional bibliotecário, concordando com Teixeira Coelho.

Na “ação cultural” o agente prepara as condições e fornece os recursos que propiciem o desenrolar e o avanço da produção cultural, deixando que os membros dos grupos exerçam o papel de sujeitos do processo de criação. Nela o indivíduo é o CRIADOR, e tem autonomia para escolher com ampla liberdade os meios e técnicas que prefere utilizar no ato criativo (CABRAL, 1999, p. 40).

A autora também ressalta a diferença entre ação e animação cultural, afirmando que na animação não se estimula a criação. Quem elabora a ação é o único criador, e só esse se destaca no processo de ação cultural.

Quanto à animação cultural, esta não passa de uma atividade com finalidades de divertir o público e promover formas alienantes de lazer. Nela o agente é o sujeito que cria, conduz e é o ator principal de todo o

processo, tratando-se, pois, do oposto da ação cultural (CABRAL, 1999, p. 42).

Conforme podemos depreender, a animação cultural engloba os eventos ou qualquer atividade que o bibliotecário desenvolve na biblioteca, podendo não ter nenhuma intenção de transformar pessoas. A ação cultural é mais profunda, tem toda uma intenção; ao final da ação cultural, o usuário não deve sair passivo de tudo que ele participou, e sim, modificado.

Diante disso podemos nos questionar sobre a atuação das Bibliotecas Públicas. Nesse sentido, elas promovem ação cultural ou animação cultural?

De acordo com Teixeira Coelho, a animação cultural:

Deve ser uma expressão recusada, junto com todo seu arsenal de truques que nunca levaram a nada além da alienação e do conformismo tingidos de atividade cultural. O animador, ou dos que contratavam; inventava os fins e dizia às pessoas como chegar até eles. Era a alma boa, o dispensador. Hoje é literalmente uma alma do outro mundo. Os tempos da animação cultural se acabaram (COELHO NETO, 1988, p. 16).

Victor Flusser (1983) também faz uma análise da relação entre bibliotecário e usuário diante da perspectiva da ação cultural, o que o leva a indagar sobre o porquê de uma Biblioteca não ser verdadeiramente Pública?

O autor faz uma crítica à ação da biblioteca tradicional onde o saber é dividido em o saber do especialista bibliotecário e a ignorância do usuário. “Os gostos, as preferências ou aversões dos usuários não contam muito. O bibliotecário sabe quais livros devem ser consultados e considerados como bons, ou não consultados” (FLUSSER, 1983, p. 161). A biblioteca sob esse ponto de vista não pode ser vista como uma promotora da ação cultural. “Se na biblioteca o usuário tem a possibilidade de pronunciar a sua própria palavra, tem influência sobre quais livros compõem o acervo, e se sente apto a ter uma opinião, ele poderá tê-la igualmente em outras atividades” (FLUSSER, 1983, p. 161).

Durante a pesquisa, considero relevante a observação, quanto a citação acima, a respeito das Bibliotecas Parques: Niterói, Rocinha e Manguinhos, cuja a compra de livros é padronizada pela Secretaria de Cultura. Sendo assim, usuários e funcionários não participam do processo de escolha e aquisição de livros, fato esse que demonstra que a comunidade é pouco ouvida e os gostos dos usuários parecem não contar.

É fato que o usuário é o sujeito principal do sistema de informação, aquele que realmente irá utilizá-lo. O bibliotecário deve realizar estudos de usos e usuários, identificar o perfil desse usuário, no intuito de saber que tipos de materiais e assuntos devem compor o acervo da Biblioteca.

A Biblioteca só será um instrumento de ação cultural se o usuário encontrar a oportunidade de participar e opinar em suas atividades. A ação cultural efetiva requer interação, ou seja, deverá ser uma ação conjunta com a comunidade.

Na visão de Flusser (1983) ação cultural é definida como:

A ação cultural é a injeção do pensamento político em uma atividade profissional, ou em outros termos, que ela é a síntese da interação entre moral e conhecimento, entre polis e logos. Essa síntese por comportar uma opção política, pode ser orientada, a grosso modo, em duas direções, que não se excluem mutuamente, mas apenas caracterizam-se pela motivação de base em duas, sendo uma a motivação manipuladora e a outra que visaria promover a emergência cultural. A primeira seria normativa e a segunda transformadora. Segundo a primeira motivação a cultura e portanto, no nosso caso específico da biblioteca é vista como um elemento que contribui a manutenção do sistema socioeconômico. Para a segunda, **a cultura é vista como um meio de expressão criativo, e a animação cultural como instrumento de libertação cultural e social** (FLUSSER, 1983, p. 155 e 156 Grifo Nosso).

Flusser (1983) e Paulo Freire (2002) dividem a ação cultural em ação cultural para a domesticação e ação cultural para a libertação. “A ação cultural emergente libertadora, que evidentemente a ação cultural proposta aqui, se articula em torno de três problemas: a invenção, a formulação e a criação” (FLUSSER, 1983, p. 156). O usuário deve ter oportunidade de inventar, formular e criar, para que essa ação cultural seja um instrumento de libertação do indivíduo.

Por meio destes pensamentos, podemos considerar que as questões principais no processo de ação cultural consistem na criação, transformação, conscientização e a libertação dos indivíduos.

Na prática, no dia a dia das Bibliotecas Públicas, será que esses aspectos se concretizam de fato? Como os bibliotecários elaboram a ação cultural na Biblioteca Pública?

A ação cultural pode ser pensada em dois sentidos. Um para libertar indivíduos da opressão e alienação ao qual estão imersos, em suas realidades. E num outro sentido,

o de domesticação, que mantém o indivíduo no conformismo e passividade, aprisionando-o em sua própria realidade. Mais adiante, iremos encontrar essas perspectivas também em Paulo Freire.

Ainda de acordo com Flusser (1983, p. 159), o agente cultural deve promover a junção da criatividade e da criação, para que assim o *homem indivíduo* possa se tornar o *homem cidadão*.

O autor diz ainda que “bibliotecário animador deve ser um constante criador de uma nova biblioteca. Como todo o agente social o bibliotecário animador é um criador. Pois, somente a **criação** é o meio e meta do engajamento político da ação cultural” (FLUSSER, 1980, p. 232 Grifo Nosso).

Quanto à criação, o bibliotecário deverá incitar, estimular a criatividade do usuário. Para isso, ele também deverá dispor de criatividade, por ser ele o mediador do processo de ação cultural, provocando nos usuários o processo de aquisição de novos conhecimentos. Usuários e bibliotecários devem influenciar-se mutuamente no processo de ação cultural.

A ação cultural deve ser feita principalmente para o *não público*, conforme diz o autor. Isto é, para a maior parcela da sociedade, que se encontra excluída socialmente, às margens. A maioria para a qual a sociedade não oferece meios para uma cidadania plena. Flusser (1980, p. 133) ressalta, portanto, a importância de a Biblioteca ser verdadeiramente pública. Para que isso aconteça, deve dar a oportunidade de *dar a palavra ao não público*. Dizer a própria palavra significa a possibilidade de ver o mundo com os seus próprios olhos. Podendo assim, *criar, recriar, decidir e optar* livremente.

A ação cultural deve ser pensada para os usuários e para aqueles que ainda não são usuários, por alguma razão, seja por desconhecer a instituição biblioteca, ou por considerar que a mesma não atende às expectativas e necessidades.

Se o nosso sistema cultural o público potencial pode vir a ser público efetivo, o não público não será jamais. Se graças a uma maior difusão, uma redução de preços, uma descentralização cultural, se, enfim, graças a uma política de democratização cultural, conseguir-se transformar o público potencial em público efetivo, o não público não será transformado. Este continuara marginalizado e esquecido (FLUSSER, 1980, p. 132).

Atualmente, como o profissional da informação, atua em relação a essa demanda? Como se direciona a essa grande massa dos excluídos, daqueles desprovidos das condições mínimas de qualidade de vida, educação, cultura e lazer?

Nesse contexto, como pensar a ação cultural promovida por nossas Bibliotecas Públicas, no sentido de oferecerem ao não público a possibilidade de se tornar sujeito ativo em uma sociedade excludente? Mais uma vez podemos pensar nos motivos que levaram a pesquisar sobre a questão da inclusão social.

Um processo de ação cultural exige uma postura ativa do bibliotecário. “Deve-se encontrar as pessoas lá onde elas estão e trabalhar com elas. A ação cultural é antes de mais nada uma pesquisa ativa junto às populações enfocadas” (FLUSSER, 1980, p. 134).

Deste modo, a Biblioteca Pública deve ter uma relação estreita com a comunidade. Suas ações devem ser feitas *para e com* a comunidade, atraindo abrangentemente os membros de sua comunidade, os excluídos e os incluídos, os desprovidos e os providos.

Essa preocupação de Flusser pode ser vista nas palavras de Vanda Angélica da Cunha,

É fundamental que se conheça a ecologia social em que se insere a Biblioteca Pública para que sejam criados produtos e serviços que atendam à dona de casa, os idosos, às comunidades da periferia das cidades, o trabalhador de longas jornadas que dispõe de horários reduzidos para a leitura, a informação e o lazer. Enfim, que atue como uma verdadeira universidade popular atendendo, a partir do local onde fisicamente se situa a uma segmentação de público de sua comunidade (CUNHA, 2003, p. 69).

Luís Milanesi, em seu livro clássico *Ordenar para desordenar* (1986), nos faz refletir sobre a instituição Biblioteca Pública. Discute qual é seu verdadeiro papel, criticando a mera função de organização de livros. “Biblioteca é uma coleção de livros organizada e que serve aos que procuram livros para ler. A idéia genérica é essa, com variações modernistas” (MILANESI, 1986, p. 10).

O autor descreve sobre a problemática da função da Biblioteca Pública. “A discussão sobre o seu papel raramente é feita, pois parece que é impossível a biblioteca desdobrar-se em significações” (MILANESI, 1986, p. 10).

Por muitas vezes, a Biblioteca Pública não exerce a função que deveria ser uma instituição preocupada com a modificação dos sujeitos e conseqüentemente a construção



da cidadania. “Ela é vista como força tão diminuta e tão fortemente ligada a outras instituições que estas nunca suspeitaram dela como o agente provocador de mudanças na sociedade” (MILANESI, 1986, p. 15).

O autor aponta inúmeras deficiências das Bibliotecas Públicas. Afirma que esta é uma extensão da escola, e que seu público se constitui apenas por estudantes de escola pública. “É unânime a opinião: a Biblioteca Pública é a biblioteca escolar que não existe” (MILANESI, 1986, p. 11). O autor ressalta ainda que: “Biblioteca é a parte mirrada da escola, o local das pesquisas tão mirrada quanto essas” (MILANESI, 1986, p.7).

E por esse ângulo, podemos pensar sobre a atuação das Bibliotecas Públicas junto à comunidade ao seu redor, o cidadão comum, o público potencial e o não público.

Assim como Flusser (1980), Milanesi (1986) também escreve sobre o *não público*. Aquele que não faz uso da biblioteca. O autor nos fala que até pela sua denominação a Biblioteca Pública deve estar aberta a todos os públicos, atuando como uma *universidade popular*.

Não se pode esquecer que o estudante é público também, e que deve ter o seu espaço na Biblioteca Pública. Mas ao seu lado existem vários segmentos da população que, mesmo não utilizando a biblioteca, não deixam de ser um público em potencial. Exemplos: o operário que trabalha o dia todo e pode encontrar na biblioteca uma alternativa de lazer e informação à noite ou nos fins de semana; a dona de casa e as possibilidades que terá ao buscar dados referentes aos seus interesses. Crianças que, excluindo as pesquisas escolares, teriam muitas atividades a desenvolver no campo do lazer e da busca de expressão (MILANESI, 1986, p. 11).

A ação cultural deveria ser uma prática constante na Biblioteca Pública, uma forma de atrair o não público. Essa ação pode ser uma forma de entretenimento entre usuários, mas sempre com uma intenção maior, a de estimular a criatividade e produzir conhecimento, pois as questões do prazer, lazer e da busca de expressão estão presentes na ação cultural.

Milanesi ainda nos chama atenção para um problema gritante acerca da Biblioteconomia e da atuação do bibliotecário: a preocupação exagerada do profissional com as técnicas biblioteconômicas, deixando de lado a preocupação que deveria nortear suas práticas e reflexões: o social, o sujeito, a comunidade e a construção da cidadania.

Os profissionais formaram-se dentro de regras e, em geral, levam-nas a sério. Pra eles o objetivo fundamental é organizar a biblioteca e zelar pelo seu perfeito funcionamento. O resumo disso é a rotina de classificar, fazer as fichas e atender o público (pouco de orientação e mais empréstimo). Salários baixos e isolamento completam o quadro. O bibliotecário torna-se um perfeito funcionário público sem motivação. Como ele não se coloca como um agente transformador (MILANESI, 1986, p. 134).

O bibliotecário não pode ser visto apenas como um organizador do acervo, mas deve querer ser um transformador do sujeito e da realidade ao seu redor. A Biblioteca Pública deveria mudar o seu papel conforme a sociedade vai se modificando e criando novas expectativas. Ela precisa ser um agente modificador e a ação cultural bem estruturada e eficiente poderá levar a esse fim.

Milanesi ressalta ainda que os bibliotecários não devem apenas se preocupar com o aspecto, a fachada de uma Biblioteca, mas com o real sentido desta para os usuários. “Uma das preocupações dos administradores em relação à biblioteca é mudar a aparência, mesmo que a essência não seja alterada” (MILANESI, 1986, p. 135).

Conforme o autor, as bibliotecas em São Paulo foram reformadas e essa reforma foi influenciada pelo padrão americano *Mackenzie College*. Ele nos relata essa experiência que não obteve bons resultados.

A existência de recursos determinou a construção de belas e eficientes bibliotecas para o público de que dela quisesse se servir. No entanto, não foi possível espalhar por todos os municípios bibliotecas padrão. O resultado acabou sendo a péssima cópia do modelo ideal. Sem que se fosse perguntado a preferência da própria população, como deveria ser a biblioteca e que serviços ela poderia oferecer, procurou-se copiar um modelo. O saldo foi o esperado, dada a situação do meio: cópias irreconhecíveis de um padrão e, sem utilidade que mesmo assim poderiam ter, pois foram organizadas de cima para baixo (MILANESI, 1986, p. 180).

Diante disso, podemos pensar sobre o conceito de Biblioteca Pública que o Brasil precisa?

Temos a impressão que a preocupação maior não é o usuário. Se não colocarmos o usuário como o sujeito principal de todas as atividades da biblioteca, não haverá

espaço para ação a cultural e, o bibliotecário, dificilmente será um agente de transformação social.

Após, quase vinte e sete anos, as discussões de Milanesi nos soam como muito atuais. Hoje, sabemos que a preocupação e o foco do profissional da informação estão mudando, principalmente com a questão da ação cultural na Biblioteca Pública. Um dos exemplos, motivo de reportagens constantes na mídia é a implantação das Bibliotecas Parques no Rio de Janeiro.

De acordo com Milanesi o público é quem vai determinar toda a política cultural da Biblioteca. A Biblioteca Pública deve significar em sentido pleno, sua denominação Pública, feita para o público. “A biblioteca não sendo caudatária da escola (um anexo em todos os sentidos), vai ser pública dentro daquilo que isso significa em primeira instância: para o público. **Para** o público ou **do** público? Essa questão determinará toda a política cultural” (MILANESI, 1986, p. 186 Grifo Nosso).

Milanesi afirma que a Biblioteconomia é o estudo da ordem, mas a biblioteca deve ser pensada no sentido da *desordem*, desordenar pensamentos, pois os autores, em cada livro, expressam um conhecimento, para a produção de novos conhecimentos. Desordenando, assim, pensamentos construídos como verdades absolutas.

E fica a reflexão: a biblioteca pode ser pensada como um instrumento de desordem, no sentido dado por Milanesi? Uma biblioteca deve ouvir a voz de seu usuário? O bibliotecário pode ser um agente que contribui para transformação de sujeitos e da realidade em que vive? O perfil do bibliotecário mudou com os novos modelos de biblioteca?

Analisando a obra de Paulo Freire, *Ação cultural para liberdade* (2002), vimos que a característica mais importante da ação cultural é a conscientização para a libertação dos sujeitos, que por muitas vezes, vive aprisionado na “cultura do silêncio”, não tendo a oportunidade de expressar-se e de falar com a sua própria voz.

Segundo Paulo Freire, todo o processo de ação cultural também deve envolver a **criação** em todas as suas etapas, dando oportunidade ao sujeito de transformar a realidade à sua volta. A criação é uma característica da ação cultural, como vimos, também abordada por Teixeira Coelho (1988) e Flusser (1983).

Freire afirma que “Existir é assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de **transformar**, de **produzir**, de **decidir**, de **criar**, de **recriar**, de **comunicar-se**” (FREIRE, 2002, p. 78 Grifo Nosso).

Todos esses conceitos deverão se manifestar, também, na ação cultural. O usuário, nessa ação, deve ser capaz de conscientizar-se, decidir, criar e comunicar-se, sendo o bibliotecário o agente possibilitador, aquele que irá conduzir. Este deve dar a oportunidade do sujeito ter autonomia e produzir novos conhecimentos. Usuário e bibliotecário são agentes criadores na ação cultural.

Somente os seres que podem refletir sobre sua própria limitação são capazes de libertar-se desde, porém, que sua reflexão não se perca numa vanguidade descomprometida, mas se dê no exercício da ação transformadora da realidade condicionante. Desta forma a consciência de ação sobre a realidade são inseparáveis constituintes do ato transformador pelo qual homens e mulheres se fazem seres de relação. A prática consciente dos seres humanos envolvendo reflexão, intencionalidade, temporalidade e transcendência (FREIRE, 2002, p. 78).

Através desse argumento iremos pensar sobre a necessidade de mudanças nas bibliotecas de nosso país. Essa consciência se manifesta, em nível de aplicabilidade, na ação cultural proposta pelas Bibliotecas Públicas? De acordo com Freire, a consciência produzida será o elemento de identidade e poder de transcendência, de superação, através da qual, indivíduos reconhecem a divisão entre as classes.

Conforme visto anteriormente, em Flusser (1983), Paulo Freire (2002) compartilha do mesmo pensamento em propor duas vertentes de ação cultural. *A ação cultural para a libertação e a ação cultural para a domesticação.*

Enquanto a ação cultural para a libertação se caracteriza pelo diálogo, somos selo do ato de conhecimento, a ação cultural para a domesticação procura embotar as consciências. A primeira problematiza; a segunda sloganiza. Desta forma, o fundamental na primeira modalidade de ação cultural, no próprio processo de organização das classes dominadas, é possibilitar a estas a compreensão crítica da sua realidade (FREIRE, 2002, p. 95).

A ação cultural para a libertação também denominada *ação cultural problematizante*, é baseada no diálogo e, como o próprio nome diz, na libertação dos sujeitos. Só uma ação cultural voltada para a libertação é capaz de enfrentar a cultura do silêncio imposta pelas classes dominantes; é nela que o sujeito tem a chance de se conscientizar dos problemas da realidade à sua volta.

Paulo Freire chama de *cultura do silêncio* todas as formas de *consciência dominada*. A imposição de classes, onde os detentores dos meios de produção e capital, as chamadas classes dominantes sobrepõem sua política, economia e cultura às classes dominadas, no decorrer dos processos históricos. Sendo assim, os excluídos se fecham, limitam-se em seu mundo, à própria possibilidade, à realidade. A opressão, o medo, a ignorância, à falta de acesso às políticas públicas de qualidade, aliados à passividade política e social, os mantêm apáticos, reprodutores de um mesmo sistema, sobrevivendo a uma sociedade desigual e excludente. A esse público, a esses perfis, aos excluídos, a Biblioteca Pública deverá focar suas atividades, no sentido de também contribuir para a igualdade e a democracia.

Freire ressalta a autonomia do sujeito que, só é conquistada, através da ação cultural. Dessa ação espera-se que os indivíduos se tornem cidadãos críticos, conscientes e informados. Enfim, libertos da visão ingênua e acrítica da realidade que, por muitas vezes possuem, por viverem aprisionados na *cultura do silêncio*.

Um dos aspectos a ser discutidos na cultura do silêncio é o das relações entre o chamado Primeiro Mundo e o Terceiro. Aquele, o mundo que fala, que impõe, que invade; este, em momentos diferentes de suas relações dialéticas com aquele, o mundo que escuta, que segue, que se rebela, que é assimilado ou recuperado, que se rebela de novo, que se revoluciona, que se liberta, sem que esta seqüência seja algo preestabelecido (FREIRE, 2002, p. 82).

O autor vê a cultura como sendo uma forma de libertação dos sujeitos: “O indiscutível papel que pode jogar a cultura no processo de libertação das classes oprimidas” (FREIRE, 2002, p. 82).

Mais uma vez Paulo Freire ressalta a conscientização como principal fim da ação cultural, no sentido de expressar a consciência das classes dominadas que, ao invés de terem uma visão ingênua do seu contexto, passam a ter uma visão crítica, podendo falar com sua própria voz, com independência em relação às classes dominantes.

Uma relação estreita foi estabelecida entre ação cultural para a libertação, a conscientização como uma característica desta forma de ação e a superação da semi-intransitividade e da ingenuidade pela consciência crítica das classes dominadas – sua consciência de classe (FREIRE, 2002, p. 96).

Podemos concluir que cada um dos autores clássicos que abordam a ação cultural, ressalta uma de suas características básicas. Teixeira Coelho (1988) e Flusser

(1983) afirmam que a **criação** é a característica básica da ação cultural. Paulo Freire (2002) escreve sobre a **conscientização** e **libertação** dos indivíduos. E Milanesi (1986) nos fala do bibliotecário como um agente **transformador** e, essa característica também pode ser vista na ação cultural.

No próximo capítulo, iremos tratar das práticas de leituras como mecanismo da ação cultural. Afinal, “pensar a leitura como uma ação efetiva da Biblioteca é necessário. Pensar como uma ação específica da Biblioteca Pública é uma ordem” (BERNADINO; SUAIDEN, 2011, p. 30).

### 3 DESESCOLARIZAÇÃO DA LEITURA

Porque tratar do tema leitura?

Já que a promoção de leitura é o foco principal de trabalho das Bibliotecas Parques e um dos objetivos de nosso trabalho é identificar as práticas de leituras existentes nas Bibliotecas Parques do Rio de Janeiro, nada mais conveniente que explorar essa temática da leitura, que se relaciona com tudo apresentado anteriormente e que irá dialogar com a pesquisa, num sentido geral. É cabível esse tema, pois partimos do princípio que a formação de sujeitos leitores contribui para a potencialização da cidadania e para a inclusão social.

O conceito de leitura por muitas vezes está associado à decodificação de texto escrito e à escolarização. Conforme nesta definição: “A leitura é um processo mental que permite decifrar e compreender uma mensagem (sentido amplo do termo), transmitida em símbolos, manuscritos ou impressos” (COSTA, 2011, p. 76).

Nesse capítulo iremos mais além deste conceito, nos baseamos em uma concepção mais ampla de leitura, associada à visão de mundo e na experiência de vida de cada indivíduo.

Trabalhamos com a seguinte concepção: “A leitura não poderá ser compreendida somente como a decifração do código escrito, mas como leitura do mundo, a que viabiliza a transformação do si mesmo, processando o ser-no-mundo-com-o-outro” (NÓBREGA, 2009, p. 108).

Para refletir sobre leitura partilhamos das idéias dos seguintes autores: Foucambert (1994), Manguel (1999, 2000), Bortolin (2001), Yunes (2002), Nóbrega (2003, 2009)<sup>1</sup>, Eco (2005), Freire (2011), Ramos (2011), Chartier (2011), Certeau (2012), Rasteli e Cavalcante (2013).

Concordamos com Manguel, quando afirma que “Todos lemos a nós e o mundo a nossa volta para o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, é como quase respirar, é nossa função essencial” (MANGUEL, 1999, p. 20).

<sup>1</sup>As reflexões em torno do ato de ler e a concepção ampla de leitura que nos apropriamos ao longo deste capítulo, surgiram através dos ensinamentos de minha orientadora Nanci Gonçalves da Nóbrega que ministrou a disciplina Metodologia da Pesquisa em Ciência da Informação no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense. No segundo semestre de 2012.

Porque optamos por esse conceito mais amplo de leitura? Os autores que compõem este capítulo concordam que este é o melhor caminho. “A convivência estreita com os livros, o fato de retirá-los em bibliotecas, é atividade normal para quem é leitor; mas uma atividade necessariamente difícil para quem é decifrador” (FOUCAMBERT, 1994, p. 14). Ou seja, aquele que irá usufruir das Bibliotecas é o leitor e não o decifrador. Por esse motivo também estamos mencionando esse conceito mais amplo de leitura, partindo do pressuposto que todos devem ser frequentadores da Biblioteca, tanto o decifrador quanto o leitor, e esse é o princípio que norteia a inclusão cultural.

Yunes (2002) também partilha da visão de Foucambert, em que a leitura vai muito além do simples ato de decodificação.

Se o ato de ler não é a mera decodificação de um sistema de sinais (escrito, desenhado, esculpido em pedra, imagem e movimento), não basta uma análise formal do código em que foi cifrado, para torná-lo legível; se o universo de discurso importa para a significação, há que se considerar o contexto de sua produção; se há ouvidos diferentes em cada homem, há que pensar nos efeitos e que o dizer/grafar tem sobre os sujeitos, isto é como se dá a recepção por parte do ouvinte/leitor (YUNES, 2002, p. 20).

Essa maior abrangência do sentido da leitura inclui todos os cidadãos, crianças em idade pré-escolar, analfabetos, todos que de alguma forma ainda não puderam ter contato mais direto com o código escrito. “O ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a leitura do mundo, do pequeno mundo em que se movia, depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização foi à leitura da palavra mundo” (FREIRE, 2011, p. 20). Diante disso, notamos que o ato de ler é independente da escolarização, a todo momento somos influenciados e influenciamos o meio, neste processo, podemos pensar em leitura de mundo, em vários níveis e formas de comunicação. O indivíduo ao nascer, depara-se a um mundo de signos, representações.

Paulo Freire em sua obra *A importância do ato de ler*, recorda a sua infância e a associa com o seu ato de ler na idade adulta. Na concepção do autor, o leitor faz a conexão da leitura com a sua descoberta de mundo, ainda na infância. “No esforço do



re-tomar a infância distante, a que já me referi, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia, permitam-me repetir, re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento ainda que não lia a palavra” (FREIRE, 2011. p. 22).

Antes de realizar a leitura do texto é preciso que façamos uma leitura de nossa realidade, do entorno, do mundo em que vivemos. No ato de ler deve se considerar a bagagem de vida de cada leitor. “Uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência o mundo. A leitura do mundo precede leitura da palavra” (FREIRE, 2011, p. 19).

Yunes (2003, p. 43) também reforça a ideia da leitura associada com a experiência de vida de cada um.

O mundo da escrita parece opaco, não se contando com a possibilidade que a vida viva o atravesse. A letra sustenta uma dissecação do seu corpo, mas não a reanimação do seu espírito. O leitor vê a letra, mas não vê o mundo porque desconhece a sua disposição de leitura, gerada em outro espaço que não o seu.

Relacionando as características da ação cultural e do ato de ler, encontramos em comum, aspectos como experiência de vida, libertação, criação, transformação e conscientização.

Freire (2011, p. 29) também menciona a criação: “A alfabetização é a criação ou montagem da expressão escrita, da expressão oral. Essa montagem não pode ser feita pelos educandos para ou sobre o alfabetizando. Aí tem o momento de sua tarefa criadora”

Não é que devemos desconsiderar o código escrito e a escolarização. Estes são de grande importância na constituição de sujeitos críticos.

A escolarização depende, verdade, substantivamente, do domínio do processo da decodificação da escrita, sistema por excelência de registro daquilo que o homem decidiu fazer memorável, durante os últimos três milênios. Por isto na raiz da escola alfabetização (YUNES, 2002, p. 15).

Refletimos sobre a temática da leitura associada à desescolarização, porque o termo escolarização está associado à leitura como responsabilidade apenas da escola. Propomos pensar no conceito de leitura no âmbito cultural, mais especificamente

analisando a responsabilidade social da Biblioteca Pública na formação de sujeitos leitores e na potencialização da cidadania.

Foucambert (1994, p. 17) se refere à desescolarização da leitura, que para ele é “a formação permanente do leitor, a ser assumida por todas as instâncias educativas”.

A desescolarização da leitura a que nos referimos, constitui um caminho contrário às práticas pedagógicas muito rígidas. Associa-se ao prazer de ler, o deixar fluir das sensações, dos sentimentos e das emoções do leitor. Estimula sua capacidade de criação para com o texto e sua relação com o mundo.

Porque não enfatizamos a leitura no âmbito da escolarização?

Vejam os o que ocorre com frequência nas escolas e dificulta a aprendizagem da leitura. Em geral a criança lê o mundo com muita espontaneidade e com a confiança de sua experiência, **mas quando atravessa a porta da sala de aula tem o sentimento de que já não entende nada, porque o mundo agora é prisioneiro de outra linguagem, cifrada, sem sua participação e seu consentimento** (YUNES, 2003, p. 42 Grifo Nosso).

Por vezes a escola, no processo de formação do indivíduo, faz o caminho inverso, no que diz respeito ao incentivo e ao gosto pela leitura. Usando práticas tradicionais e pouco atrativas, a criança aprende a decorar o conteúdo da disciplina em troca de uma boa nota, ou aprovação. Tornam-se meros reprodutores acríticos das ideias dos autores. Convertem-se em prisioneiros do texto e de um sistema alienante. O leitor nesse caso é um sujeito passivo, preso à descodificação e à leitura, onde ganham destaque e uma “certa” soberania as ideias do autor e do professor.

O que se deve fazer para despertar numa criança o gosto de ler?  
Eu antes me pergunto o que fizemos para que ela deixasse de ter prazer em ler, em alargar seus horizontes de mundo, porque, todas elas, a princípio viajam para os mundos extraordinários que as narrativas lhe oferecem, até que começando a ler solitários e constrangidos, seja pelo código que vela a palavra, seja pela imposição da travessia, se afastam e desgostam de ler... A criança que se costumava a pensar sem a consciência de que o fazia sabe agora que não consegue pensar e não ver meios para começar a fazê-lo. E como ela se desumanizasse. Ela perde a voz e a linguagem que, justo, a faz humana (YUNES, 2003, p. 44).

As práticas de leituras e o processo de mediação são mecanismos da ação cultural que, aplicados nas Bibliotecas Públicas, podem contribuir para a

potencialização da cidadania, amenizando as desigualdades sociais, provocadas, muitas vezes, por lacunas do sistema educacional brasileiro.

A Escola, a Biblioteca Pública, o Governo e Sociedade deveriam se unir no sentido de combater o analfabetismo e o analfabetismo funcional, duas realidades presentes nos dias atuais e de que, fazem parte, milhares de brasileiros. Nesse sentido, podemos levar em conta os casos de indivíduos alfabetizados, mas que não conseguem apreender aquilo que leem, não realizam a intertextualidade, não relacionam, nem atribuem significados. Torna a leitura, um simples ato de decodificação da língua. Também devido a essa problemática nos baseamos no conceito amplo de leitura, não só associando-o à decodificação.

“A natureza do analfabetismo observado hoje em dia é, pois diferente do conhecido ainda na metade do século. Outrora o analfabetismo resultava da ausência da escolarização. Hoje, aparece como consequência do iletrismo” (FOUCAMBERT, 1994, p. 18).

Analisando o cenário brasileiro atual é possível constatar uma divisão entre leitores e alfabetizados. Ser alfabetizado não significa que o indivíduo seja um leitor ou consiga entender o que está lendo.

Mesmo em situações específicas, como a do reconhecimento do direito à alfabetização e à educação das massas, não se discutiu qual educação se lhes deveriam proporcionar, uma vez que obviamente melhor seria a que pudesse se adequar e manter as novas estruturas de poder: praticar o que a razão instrumental reconhecia como bom. Aparecem com nitidez os modelos de comportamento, de rejeição, de exclusão (YUNES, 2003, p. 46).

### 3.1 O LEITOR NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Podemos destacar características importantes no ato de ler, como a interpretação e a construção de sentidos. Cada leitor lê de acordo com o seu olhar, com sua experiência de vida e com o seu repertório cultural, construindo e reconstruindo sentidos. Nessa perspectiva, partilhamos da seguinte visão de Chartier (2011, p. 78): “Dar à leitura o estatuto de uma prática criadora, inventiva e produtora, e não anulá-la no texto lido, como se o sentido desejado por seu autor devesse, escrevesse com toda a mediatez e transparência, sem resistência nem desvio, no espírito de seus leitores”. O

autor escreve que o ato de ler tem significações “plurais” e “móveis” e não é somente a partir do autor que se constitui a interpretação e sentido de um texto.

Um texto é um campo de múltiplos construtos, onde o leitor tem a liberdade para fazer as suas interpretações. Deve existir um elo entre leitor, texto e autor. “As teorias de recepção já nos ensinam que o texto não existe sem o leitor, que o ato da leitura é ação que envolve um conjunto de elementos-leitor, texto e contexto – acreditando que o leitor tem atitudes de apropriação, desvio e resistência” (NÓBREGA, 2009, p. 98). Segundo a autora o leitor constrói significados através de vestígios deixados pelo autor.

Eco (2005) também faz uma abordagem às intenções do texto, cita a “intenção do autor”, “intenção do texto” e a “intenção do leitor”. Ou seja, pressupõe a existência do sentido que o autor deseja atribuir ao texto, o próprio texto, como ele se manifesta e se estrutura e também, o leitor, aquele que irá receber o texto de acordo com sua própria subjetividade.

Em alguns dos meus escritos recentes, sugeri que entre a intenção do autor (muito difícil de descobrir e frequentemente irrelevante para a interpretação de um texto) e a intenção do intérprete que simplesmente desbasta o texto até chegar a uma forma que sirva a seu propósito, existe uma terceira possibilidade. Existe a intenção do texto (ECO, 2005, p. 29).

Um mesmo texto pode possuir vários significados e interpretações diferentes, como afirma Chartier (2011, p. 79) “Os mesmos textos e livros são objetos de múltiplas decifrações, socialmente contrastantes”. Certeau também partilha dessa visão em que a mesma leitura é modificada de acordo com o leitor, a cada texto um intérprete diferente.

Com efeito, ler é peregrinar por um sistema imposto (o do texto, análogo à ordem construída de uma cidade ou de um supermercado). Análises recentes mostram que ‘toda leitura modifica o seu objeto’, que (já dizia Borges) ‘uma leitura difere de outra menos pelo texto que pela maneira como é lida’, que enfim um sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor o seu sentido (CERTEAU, 2012, p. 264-265).

Nóbrega (2009, p. 95) explica a visão de Certeau, onde, no ato de ler, o leitor se constitui na figura mais importante. “Pois é a partir dos dados que ele possui, percebe e dá sentido, que o texto se constrói verdadeiramente”

Concluimos que, de acordo com os autores acima, todas essas questões devem estar envolvidas no ato de ler: visão de mundo, experiência, interpretação, construção e reconstrução de sentidos, conscientização, liberdade, criação e prazer.

### 3.2 MEDIAÇÃO DE LEITURA

De acordo com a conjuntura abordada até aqui, surge à conveniência de reflexão sobre alguns aspectos de atuação das Bibliotecas Públicas. Como as Bibliotecas Parques promovem ações de incentivo e gosto pela leitura? Quais as práticas de leitura realizadas nesses espaços? O bibliotecário realiza o papel de mediador de leitura, nessas instituições?

Bortolin (2001, p. 120) irá dizer que o vocábulo ‘promoção’ é de origem latina e significa antecipação. “O Brasil, um país com pouca tradição de leitura, precisa de iniciativas (antecipações) que tenham no seu âmago, o intuito de realmente aproximar o leitor do texto literário, contribuindo para a formação de novos leitores”.

Assim sendo, a promoção de leitura consiste em ações antecipatórias que devem estimular, motivar e despertar o gosto pela leitura. Enfatizamos a figura do bibliotecário como promotor desse processo.

Já sobre a mediação de leitura, Bortolin (2001, p. 120) explica que, a palavra ‘mediador’ também tem origem latina e que significa aquele que medeia ou intervém. Podemos dizer então que, “mediador do ato de ler é o indivíduo que aproxima o leitor do texto”

Concordamos que o bibliotecário deve assumir esse elo entre indivíduo e leitura, tornando-a prazerosa, lúdica e mágica. Nóbrega (2009, p. 98) afirma que “os bibliotecários devem ter um olhar apurado sobre as práticas informacionais”. Coloca assim o sujeito como ator principal da unidade de informação. E, se nesse sentido, pensarmos em sujeitos leitores estamos operando com o processo de mediação.

O bibliotecário para atuar em uma Biblioteca Pública precisa ser uma pessoa ativa, comunicativa e dinâmica, proporcionando assim, uma forte ligação entre o indivíduo e a leitura. E em oposição a essa postura: “A face do bibliotecário que olha no espelho não se caracteriza pela passividade, acomodação, neutralidade. Sua palavra-chave é a reinvenção” (NÓBREGA, 2009, p. 98).

Refletimos sobre as questões citadas acima, como mediação, práticas informacionais, sujeitos e da não neutralidade por parte do bibliotecário e as relacionamos ao conceito de mediação da informação definido por Almeida Júnior (2009, p. 93) que afirma:

No conceito de mediação da informação, destaca-se a afirmação de que é ela uma interferência. Em oposição hegemônico que sustenta a imparcialidade e a neutralidade do profissional da informação no exercício de seu trabalho, defendemos a existência da interferência. É ela constante e indissociada do fazer do profissional da informação.

Almeida Júnior (2009, p. 92) afirma que o processo de mediação abrange todo o fazer do profissional da informação, como o armazenamento e a disseminação. E que esta mediação não tem apenas um papel secundário na área da Ciência da Informação, mas pode constituir o seu próprio objeto.

Por tudo isso, priorizamos a figura do bibliotecário como medidor da leitura e da informação.

São minoritários os professores que incorporam ao seu trabalho cotidiano a vontade de informa-se como um bibliotecário sobre todos os textos publicados para crianças e adolescentes. Justamente eles especialista da leitura... como se ler não fosse sempre ler alguma coisa (FOUCAMBERT, 1994, p. 32).

O mediador de leitura deve despertar o gosto pela leitura, seu sentido, auxiliando na construção de sujeitos críticos de seu próprio meio. A Biblioteca deveria assumir o seu papel social, amenizando os traumas da escola. “Talvez devêssemos pensar a ação pedagógica a ser implementada nas bibliotecas. Diferentemente de uma escolarização repressora e reprodutora” (NÓBREGA, 2003, p. 116).

Citamos como exemplo a Biblioteca Parque de Manguinhos, que se localiza atrás do colégio Estadual Luiz Carlos da Vila, e a grande maioria dos seus usuários são os alunos. E em entrevistas com os funcionários, ouvimos a seguinte frase: não podemos fazer o papel da escola, mas apenas o papel de auxiliar no processo educacional. Será que a mediação de leitura promovida na Biblioteca Parque auxilia o processo educacional e estimula a formação de leitores?

Consideramos que a Biblioteca Pública é um lugar privilegiado para a formação desse encontro indivíduo e leitura. Deve existir um diálogo entre indivíduo, leitura e mediador. O papel deste é de facilitador. Deixando fluir a imaginação, a criação, a

transformação e o encantamento de que está praticando o ato de ler (NÓBREGA, 2009, p. 105).

Por muitas vezes a escola e a Biblioteca decidem o que venha a ser uma boa leitura. Essa iniciativa poderá despertar no leitor uma aversão, ou não identificação com o ato de ler. A leitura não pode ser pensada como uma imposição, uma obrigação, o que incitaria, até mesmo, a um bloqueio futuro no que diz respeito a sua prática.

A Biblioteca Pública, por sua vez, deverá relacionar leitura à experiência, à realidade do leitor, às suas necessidades e carências, ao prazer, à satisfação, despertando, desse modo, a aproximação entre leitor e livros, numa relação enriquecedora e atrativa, que atenda aos leitores assíduos e aqueles que, por algum motivo, não possuem essa relação mais íntima com o ato de ler.

Alberto Manguel aconselha:

A leitura sistemática não ajuda muito. Seguir uma lista oficial de livros (de clássicos, de história literária, de leituras censuradas ou recomendadas, de catálogos de bibliotecas)... Acredito que os melhores guias são os caprichos do leitor-confiança no prazer e fé no acaso. (MANGUEL, 2000, p. 26).

Em nossa pesquisa de campo nas Bibliotecas Parques vimos que os bibliotecários não atuam diretamente no processo de mediação de leitura, e sim profissionais formados em outras áreas do conhecimento. Este fato pode ocorrer por que:

Talvez por, em alguns casos, a mediação não ser a intenção principal de sua prática. Nesse panorama temos: “vários cursos de Biblioteconomia no Brasil preocupam-se principalmente com o processamento da informação e raramente com a sua disseminação e com a formação de leitores” (RASTELLI; CAVALCANTI, 2013, p. 165).

Durante a revisão teórica, percebemos que diversos autores apontam que o papel do bibliotecário é de um agente socializador, e que as práticas de leitura auxiliam no processo de aprendizagem e construção de sentido nos indivíduos. Para que o bibliotecário atue como mediador, faz necessário que sua formação não seja apenas técnica e sim uma formação cultural e humanística. O bibliotecário deve assumir uma postura ativa de busca e incentivo à formação de novos leitores. Até porque, notamos nas Bibliotecas Parques do Rio de Janeiro profissionais de outras áreas do conhecimento exercendo o papel de mediação de leitura. Isso também pode ser

explicado por uma questão administrativa da própria instituição que não assume a importância da presença do profissional bibliotecário, como mediador. Conforme dito, é possível atribuir a essa realidade o fato de o profissional bibliotecário dedicar-se a preocupação exagerada com as técnicas de organização da Biblioteca. Apego excessivo ao acervo, priorizando a preservação em lugar da disseminação da informação.

“A ação cultural se reflete para o bibliotecário como estímulo para a aquisição de competências, saberes, fazeres e compartilhamento de experiências que potencializam suas capacidades de atuação como mediador de leitura” (RASTELLI; CAVALCANTI, 2013, p. 169). À vista disso, podemos afirmar que as práticas de leitura devem ser vistas como um mecanismo da ação cultural, sendo esta uma ação política, pedagógica, transformadora, emancipatória e criativa, que objetive a promoção da cidadania e das inclusões social e cultural.

Quanto aos acervos, estes devem se apresentar de acordo com os gostos e as necessidades dos usuários. Os bibliotecários devem dinamizar o acervo, para que os usuários sejam realmente leitores em potencial. Nesse sentido, na ação cultural deve haver a dinamização do acervo.

Em oposição a uma imagem de acervos como espaços que estocam a informação, como lugares de memória petrificada, portanto, uma ação para transformá-los em territórios de produção de sentidos. Em vez de espaço de morte, implementar sua potência de vida, de mudança e de movimento (NÓBREGA, 2009, p. 106).

Esse processo de dinamização pode se viabilizar de várias formas, depende da criatividade e da criação do bibliotecário, que precisa valorizar a narrativa, a contação de histórias e demais práticas leitoras. Enfim, é preciso sentir os anseios da comunidade a sua volta.

O texto “No espelho, o Trickster” (NÓBREGA, 2009), utilizado para tecer muitas idéias desse capítulo nos incita a pensar, a respeito de acervo propício ao leitor, sobre recepção, apropriação, expressão, interpretação, autocriação, construção, reconstrução e renascimento.

Todas essas questões, assim como a relação entre formação de leitores e cidadania, devem estar no foco principal das Políticas Públicas de Cultura. Pensar na cultura e na educação como um direito básico de todos os cidadãos é nortear a inclusão cultural, para que esta se configure, efetivamente, numa inclusão social.



## 4 POLÍTICAS PÚBLICAS DE CULTURA

As Bibliotecas Parques são contempladas pela política do Plano Nacional do Livro e Leitura, por isso iremos abordar, neste capítulo, alguns aspectos sobre Políticas Públicas de Cultura.

Iniciamos abordando brevemente alguns antecedentes históricos que, desde a implantação das Políticas Públicas no Brasil em 1937, influenciam, ainda hoje, o desenvolvimento do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL).

As Políticas Públicas, de uma forma geral, consistem na intervenção do Estado no intuito de promover o bem estar, a cidadania e os direitos básicos da sociedade. Inclui saúde, educação, moradia, dignidade, emprego, e cultura.

Em nossa pesquisa, enfatizamos a inclusão social e levamos à reflexão a respeito do direito/ acesso à educação e cultura. Contudo, este capítulo, sobre Políticas Públicas, irá abordar naturalmente propostas de análises no que diz respeito à leitura, inclusão, ação cultural e Biblioteca Pública.

A Política Cultural é definida por Teixeira Coelho (2004, p. 293) como: “programa de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações de ações simbólicas”.

Analizamos a história das Políticas Públicas através do livro: *Políticas Culturais no Brasil*. E nos baseamos através da perspectiva dos seguintes autores: Antônio Albino Canelas Rubim (2007) e Lia Calabre (2007).

Pensamos na relação entre o desenvolvimento histórico das Políticas Públicas Culturais e sua influência no desenvolvimento da Biblioteca Pública. Para explorar essa relação utilizamos: Luis Milanesi (1997), Eliany Alvarenga de Araújo (2002), Elisa Campos Machado (2008), Marília de Abreu Martins Paiva (2008) e Simone Rodrigues Amorim (2009).

Durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945) foram implementadas, o que se pode chamar de primeiras Políticas Públicas de Cultura no Brasil. Nesse período foi tomada uma série de medidas, objetivando fornecer uma maior institucionalidade para o setor cultural (CALABRE, 2007, p. 88).

Calabre ressalta que algumas iniciativas federais marcam a abertura desse período como a criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

(SPHAN); Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE); Instituto Nacional do Livro (INL) e o Conselho Nacional de Cultura.

Relacionamos a importância desse período para as Bibliotecas Públicas e constatamos que: “Em 1937 é criado o Instituto Nacional do Livro - INL, tendo por competência, entre outras, incentivar a criação e auxiliar na manutenção de Bibliotecas Públicas em todo território nacional” (ARAÚJO, 2002, p. 12). A autora afirma que nesse período há uma relação entre o Estado autoritário e a Biblioteca Pública, promovida pela atuação do INL.

Araújo (2002, p. 19) explica que o INL surge num contexto autoritário do Estado Novo. Esse período é marcado por concepções políticas “autoritárias” e “corporativistas” dos grupos dominantes. Ou seja, apenas o Estado é o criador das ações culturais. No Estado Novo, o INL não efetivou grandes ações para o campo das Bibliotecas Públicas, pois a questão central do INL girava em torno da questão do livro.

Reduzidas a meras aparências culturais, as Bibliotecas Públicas ficam em segundo plano na política nacional do livro do INL. A relação entre livro e Biblioteca é desequilibrada; ao assumir este caráter, esta política se desenvolve de forma anômala, pois, enquanto se produzem livros de alto valor literário e histórico, reproduz uma política arcaica de criação e instalação de Bibliotecas Públicas (ARAÚJO, 2002, p. 47).

Milanesi também faz uma crítica aos objetivos do INL e afirma que:

**No Brasil o INL, como programa de incentivo a leitura nasceu velho e continuou assim, impávido por décadas.** Com poucas variações, as suas tarefas básicas e de rotina constituíam-se em doar livros para as bibliotecas e presentear as cidades com bibliotecas (MILANESI, 1997, p. 120 Grifo Nosso).

Ao analisarmos alguns programas de incentivo à leitura, voltados para as Bibliotecas Públicas, podemos observar incentivos como o de doação de livros para que a Biblioteca possua um maior acervo, mesmo em municípios, com apenas uma biblioteca que, em muitos casos, funcionam em desacordo com a comunidade ao seu redor e em situações precárias, com acervos desatualizados, pouca mão de obra e em mau estado de conservação. Paiva (2008, p. 111) também reforça essa ideia: “todos os programas voltados para as Bibliotecas Públicas... têm como objetivo apenas incentivar a criação de Bibliotecas em municípios desprovidos de Bibliotecas Públicas”.

Outro fator que podemos destacar para inauguração das Políticas Públicas no Brasil foi à permanência de Mário de Andrade no Departamento de Cultura de São Paulo em 1935 a 1938. De acordo com Rubim (2007, p. 15) suas contribuições foram:

- Estabelecer uma intervenção estatal sistemática abrangendo diferentes áreas da cultura; pensar a cultura em algo tão vital como o pão;
- Propor uma definição ampla da cultura que extrapola as belas artes, sem desconsiderá-las, e que abarca, dentre outras, as culturas populares;
- Assumir o patrimônio não só como o material, tangível e possuído pelas elites, mas também algo imaterial, intangível e pertinente aos diferentes estratos da sociedade;
- Patrocinar duas missões etnográficas as regiões amazônicas e nordestinas para pesquisar suas populações, deslocadas dos eixos dinâmico do país.

Milanesi (1997, p. 98) escreve sobre as vantagens de o Departamento de Cultura ter Mário de Andrade como seu primeiro diretor. E a obra da Prefeitura de São Paulo que mereceu destaque nessa época foi a Biblioteca Municipal do Centro da Cidade. Mário de Andrade propôs o modelo Bibliotecas/Casas de Cultura, que contemplam na Biblioteca todas as possibilidades de acesso ao conhecimento. Esse perfil não sobreviveu ao Estado Novo. E novo modelo de Biblioteca só voltou a ser pensada anos depois. Será que hoje, nossas Bibliotecas Parques podem ser classificadas como Bibliotecas/Centro de Cultura?

O Estado Novo foi um período marcado por autoritarismo, no que diz respeito também, em relação à implantação de Políticas Públicas, isso explica a não permanência do modelo de Bibliotecas/Centro de Cultura. Apesar de várias iniciativas culturais, que marcaram a abertura do período, o Estado era o produtor de cultura, sua intenção era implantar seus ideais autoritários.

No período posterior de 1945 a 1964, o país sofre um retrocesso no campo cultural, o Estado não promoveu ações no campo cultural. A área ficou mais no âmbito da iniciativa privada. Nesse período, tivemos como herança o autoritarismo e o vazio cultural.

Na década de 1970 mais um marco importante na história da Política Cultural no país.

O Departamento de Assuntos Culturais foi substituído pela Secretaria de Assuntos Culturais. Mais que uma simples troca de títulos ocorreu uma clara divisão de atuação em duas vertentes distintas... uma vertente patrimonial e outra da produção, circulação e consumo da cultura (CALABRE, 2007, p. 93).

A autora explica que a ação do Estado também ficou por muito tempo ligada a preservação de símbolos nacionais como: patrimônio edificado e obras artísticas de cultura erudita. O Estado, em relação à cultura, mantinha mais uma função de guardião da memória das manifestações artísticas. O que acontecia de manifestações populares era chamado apenas de folclore nacional. Em relação à Biblioteca Pública vimos que a função de preservação e de memória constituiu grande parte de sua história. A Biblioteca era um lugar de preservação da cultura erudita.

Já em 1990 com o Governo Collor o país vive um momento neoliberal. Nesse período o governo “desmonta a área de cultura no plano federal, acabam com o Ministério, reduz à cultura a uma secretaria e extingue inúmeros órgãos... O **mercado** é a palavra mágica para substituir o **Estado**” (RUBIM, 2007, p. 24, Grifo Nosso).

No que diz respeito à Biblioteca Pública durante esse período, Paiva afirma:

O período se inicia com o fim do Ministério da Cultura no Governo Collor, em 1990 foi substituído, então, por uma Secretaria de Cultura. O principal impacto dessa mudança para as Bibliotecas Públicas, foi o fim da Fundação Pró-Leitura, sob o qual estava o INL, que bem ou mal, as mantinham dentro da esfera governamental (PAIVA, 2008, p. 115).

Paiva aborda também que o INL era uma instituição voltada para o livro e não para a Biblioteca propriamente dita, mas essa conseguiu se beneficiar, mais ou menos, com algumas políticas voltadas para o livro e a leitura.

Dois anos após, em 1992, o Ministério da Cultura se restabelece, surge o Programa Nacional de Incentivo à Leitura PROLER. Vinculado a Fundação Biblioteca Nacional. Que, segundo Amorim (2009, p. 34), o PROLER indiretamente tem o objetivo de atuar no lugar do INL. Passou por inúmeras transformações e até hoje, continua em funcionamento e agrega as diretrizes e metas do Plano Nacional do Livro e Leitura.

Outro fator que podemos ver entre os períodos da história das Políticas Públicas de Cultura é a descontinuidade, basta uma simples mudança de governo para que aconteça a troca da Política Cultural no Brasil.

Rubim (2007, p. 13) relata que a história das Políticas Públicas no Brasil foi marcada por características como: “autoritarismo, caráter tardio, descontinuidade, desatenção, paradoxos, impasses e desafios”. Diante desse dilema, pensamos em quais

rumos teriam de assumir a Política de Estado, no sentido de superar todos esses desafios e paradoxos. E o que a impede de ser eficiente e satisfatória.

Entretanto, de acordo com Machado (2008, p. 78) desde a implantação do INL “os governos se esforçavam na criação de Bibliotecas Públicas, criadas com ações governamentais sem a participação da sociedade... A partir de 2003, percebemos algumas mudanças no sentido de ampliar o diálogo e a participação da sociedade” Segundo a autora, nesse contexto, a sociedade começa a participar na construção das Políticas Públicas e é nesse espírito que nasce o Plano Nacional do Livro e Leitura.

#### 4.1 PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA

Em 2006, foi pactuado o *PNLL- Plano Nacional do Livro e Leitura*, no governo de Luís Inácio Lula da Silva. Coordenado pelo Ministério da Cultura, ministro Gilberto Gil, e Ministério da Educação. Tendo como compromisso construir as Políticas Públicas e Culturais com base em um diálogo com a sociedade e com todos os segmentos interessados no tema. A nosso ver, esse Plano é favorável para a Biblioteca Pública porque, em sua política, traz as diretrizes para o livro e a leitura no Brasil, contemplando as Bibliotecas e a formação de mediadores de leitura.

A união dos Ministérios da Cultura e da Educação é um fator de extrema importância para as Bibliotecas Públicas. Conforme veremos nas palavras de Paiva:

Essa união é histórica e relevante para as Bibliotecas Públicas, pois está mais de acordo com a missão delas e com direito à informação, por natureza difuso, sobrepondo-se a organização tradicional do Estado. A implementação do Plano fica a cargo das instâncias federal, estaduais e municipais, e a participação das esferas do mercado e da sociedade civil é desejada e incentivada (PAIVA, 2008, p. 118).

Analisando o objetivo geral do PNLL:

O objetivo geral do plano é o de assegurar e democratizar o acesso à leitura e ao **livro** a toda a sociedade, tendo a leitura como instrumento essencial para o indivíduo desenvolva as suas capacidades em uma sociedade da informação, reconhecerem os seus direitos de cidadãos, melhores seu nível educativo, fortalecer os valores democráticos, ser criativo, ter acesso ao conhecimento e a herança cultural da humanidade (DIRETRIZES, 2006, Grifo Nosso).

Em nossa pesquisa, como será visto no capítulo *Um olhar sobre as Bibliotecas Parques*, percebemos que a maioria das ações culturais nas Bibliotecas Parques são voltadas exclusivamente para o livro. De acordo com Almeida Júnior (2003, p. 80) o livro não pode ser considerado o suporte único de leitura e nem o mais importante, pois as informações podem ser obtidas em tipo de suporte diferentes. O Plano também enfatiza o livro para democratizar o acesso à informação e para o desenvolvimento da cidadania.

Analisando o objetivo do plano:

Leva em conta o papel de destaque que essas instâncias assumem no desenvolvimento social e da **cidadania** e nas transformações necessárias da sociedade para um projeto nação com uma organização social mais justa. Têm por base a necessidade de se formar a **sociedade leitora** como condição essencial e decisiva para promover a **inclusão social** de milhões de brasileiros no que diz respeito a bens, serviços e cultura, garantindo-lhes uma vida digna e a estruturação de um país economicamente viável (DIRETRIZES, 2006, Grifo Nosso).

Vimos que alguns aspectos contemplados no PNLL como, mediação de leitura, cidadania, formação de leitores e a inclusão social, são questões analisadas em nossa pesquisa. A nossa pergunta seria: Como esses aspectos são desenvolvidos na Biblioteca Pública?

O plano possui quatro eixos de ação. Desdobrando-se em algumas estratégias de atuação.

- Democratização do acesso:  
Implantação de novas bibliotecas, fortalecimento da rede atual de bibliotecas, conquista de novos espaços de leitura, distribuição de livros gratuitos, melhoria de acesso ao livro e a outras formas de expressão da cultura letrada e, incorporação e uso de tecnologias de informação e comunicação.
- Fomento a leitura e formação de mediadores:  
Projetos sociais de leitura, estudos e fomento à pesquisa nas áreas do livro e leitura, sistemas de informação nas áreas de bibliotecas, da bibliografia e do mercado editorial, prêmios às ações de incentivo e fomento às práticas sociais de leitura e formação de mediadores de leitura.
- Valorização da leitura e comunicação:  
Ações para criar consciência sobre o valor social do livro e da leitura, ações para converter o fomento às práticas sócias da leitura em política de estado,

publicações impressas e outras mídias dedicadas à valorização do livro e da leitura.

- Desenvolvimento da economia do livro:  
Fomento à cadeia produtiva do livro, fomento à distribuição, circulação e consumo de bens de cultura letrada. Maior presença dos produtos da cultura letrada brasileira no exterior (DIRETRIZES, 2006).

A ênfase do Ministro da Cultura Gilberto Gil, em 2002, está pautada em um conceito mais amplo de cultura, o antropológico. Conceito de cultura que vimos no primeiro capítulo da presente dissertação definido por Chauí (2008). O principal ator da Política Cultural é a sociedade brasileira e não os criadores da Política.

Partindo de um conceito de cultura que englobe o conjunto dos saberes e dos fazeres, a relação Estado e cultura, passa a estar presente nos órgãos que compõem o governo. Logo, a elaboração de Políticas Públicas deve partir da percepção de cultura como de bem da coletividade e da observação e da interferência nas práticas culturais enraizadas das ações levadas a cabo pelas mais diversas áreas governamentais (saúde, educação, meio-ambiente, planejamento urbano, entre outras) (CALABRE, 2007, p. 96).

Estimular a criatividade do indivíduo deve constituir um dos principais objetivos da Política Cultural. A sociedade deve ser criadora da cultura e não expectadora do Estado, considerado o único produtor de cultura. “O Estado não deve ser um produtor de cultura, mas pode e deve ter a função de democratizar as áreas de produção, distribuição e consumo” (CALABRE, 2007, p. 106).

A autora também aborda a questão da exclusão social, em que, grande parte dos sujeitos não pode exercer o seu ser cultural. “No caso brasileiro, temos a premência de reverter o processo de exclusão da maior parcela do público, das oportunidades de consumo e das criações culturais” (CALABRE, 2007, p. 99). A partir da reflexão da autora, podemos também fazer pontos de ligações com a questão da inclusão. Será que quando o Estado menciona a inclusão social, pensa na inclusão cultural de todos os indivíduos, para construção da cidadania? Evidencia realmente o direito a cultura? Para que todos os indivíduos sejam produtores de cultura e não apenas consumidores do que já está pronto?

Na obra “Plano Nacional do livro e leitura: textos e histórias 2006-2010”, Ezequiel Theodoro da Silva responde a pergunta:

Conseguiu o PNLL mudar, para melhor e significativamente, o panorama da leitura no Brasil? Eu responderia um pouquinho, em decorrência dos quistos existentes nos organismos de educação e cultura neste país. Poderia ter feito mais? Julgo que não, porque de certa forma, as dificuldades relacionadas ao enfrentamento destes quistos não podem ser resolvidos num par de gestões” (SILVA, 2010, p. 159).

O autor aborda que são anos de dívidas sociais por parte do governo com a promoção de leitura no Brasil, e que o cenário das Bibliotecas no país é extremamente árido. O índice de leitores constitui uma pequena parcela do território nacional.

Nesse capítulo não tivemos a pretensão de avaliar exaustivamente o PNLL, nem a resposta do Estado em relação à cultura no Brasil. Pois, o PNLL é uma Política de Estado muito recente, implantada em 2006 e ainda é muito cedo para falarmos em resultados, afinal, o Brasil apresenta, há anos déficit na relação Estado, leitura e cultura. Expomos apenas algumas reflexões iniciais sobre o Plano, que evidencia em seus eixos a Biblioteca e a formação de mediadores, questões centrais de nossa pesquisa. Pois é no contexto do PNLL que nascem as Bibliotecas Parques.

#### 4.2 POLÍTICA CULTURAL COMO CIDADANIA CULTURAL

A Política Cultural pode ser definida também como cidadania cultural. Esse conceito é importante para a nossa questão de pesquisa porque nessa conceituação a cultura é vista como um direito à cidadania.

Ao definirmos Política Cultural como cidadania cultural e a cultura como direito, estamos operando com os dois sentidos de cultura; como um fato ao que temos direito como agentes ou sujeitos históricos; como valor ao qual todos têm direito numa sociedade de classes que exclui uma parte dos cidadãos do direito a criação e a fruição as obras de pensamento e obras de artes. Nossa Política Cultural tem-se proposto a enfrentar o desafio de admitir que a cultura é simultaneamente um fato e um valor, a enfrentar o paradoxo no qual a **cultura é o modo de ser dos humanos e, no entanto, precisa ser tomada como um direito daqueles humanos que não podem exercer plenamente o seu ser cultural** (CHAUÍ, 1992, p. 39 Grifo Nosso).

Em 1989 a 1992 Marilena Chauí coordenou a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, e implantou a concepção de Política Cultural como Cidadania Cultural.



Sendo a cultura como um direito de todos os cidadãos sem distinção alguma, enfatizando o processo de criação por parte desses cidadãos e nesse contexto o Estado surge como agente da Política Cultural. O conceito de cidadania cultural surge em oposição ao neoliberalismo, influenciado pela relação de cultura e mercado.

Procuramos recusar a proposta neoliberal, garantindo independência do órgão público de cultura face às exigências de mercado e à privatização do que é público, enfatizando por isto a ideia de Cidadania Cultural, isto é, a cultura como um direito aos cidadãos, sem confundir estes últimos com as figuras do consumidor e do contribuinte (CHAUÍ, 1992, p. 14).

A autora escreve que essa concepção de cidadania cultural vem como uma tentativa para acabar com a passividade perante a cultura, ou seja, o consumo de bens culturais.

A secretária da Secretaria de cultura Marilena Chauí enfatizou o direito a produção cultural como o principal eixo de atuação dos seus projetos.

Contemplando os seguintes direitos:

- O direito de produzir cultura seja pela apropriação dos meios culturais existentes, seja pela invenção de novos significados culturais;
- O direito de participar das decisões quanto ao fazer cultural;
- O direito de usufruir os bens da cultura, criando locais e condições de acesso aos bens culturais para a população;
- O direito de estar informado sobre os serviços culturais e sobre a possibilidade de deles participar ou deles usufruir;
- O direito à formação cultural e artística pública e gratuita nas Escolas e Oficinas de Cultura do Município;
- O direito à experimentação e à invenção do novo nas artes e nas humanidades;
- O direito a espaços para reflexão, debate e crítica;
- O direito à informação e à comunicação (CHAUI, 1992, p. 15-16).

Amorim (2009) em sua tese intitulada: A abordagem da Cidadania Cultural na formulação do Plano Nacional do Livro e Leitura faz a relação entre essas duas temáticas e afirma que: “embora a noção de cidadania cultural seja clara (direitos de cidadania, reconhecimento amplos das minorias), esta terminologia é nova em termos de cruzamento com as concepções de Políticas Públicas no Brasil”. A autora identifica os pontos de ligação entre o reforço à cidadania e os direitos culturais presentes no eixo de atuação do PNLL. Será que realmente é possível identificar nos eixos do Plano a cidadania cultural? A cultura é vista como um direito de cidadania?

Amorim também nos convida a pensar no conceito de cultura ligado ao de cidadania.

Direito à cidadania, em âmbito cultural, remete à participação nos bens de cultura como um direito como os demais – reconhecimento, inclusive, de minorias – seja de criação, seja de acesso (amplo, efetivo) a bens culturais, seja na preservação de patrimônios culturais (materiais ou imateriais), além do reconhecimento a todas as culturas com igual valor (multiculturalismo – valor à igualdade e diversidade). Extrapolando a ligação cultura/capitalismo, fundada apenas no consumo dos bens culturais e ampliando a noção de cultura para o campo da cidadania (AMORIM, 2009, p. 18).

Ao refletirmos sobre o conceito de cidadania cultural, que tem por filosofia a cultura sendo um direito de todos, identificamos que esse conceito fortalece uma de nossas questões de pesquisa, a inclusão social e cultural.

## 5 BIBLIOTECA PARQUE UMA BIBLIOTECA VERDADEIRAMENTE “PÚBLICA”?

Este capítulo tem como foco principal destacar a função da Biblioteca Pública na sociedade contemporânea a partir da concepção dos seguintes autores: Miranda (1978), Flusser (1982), Suaiden (2000), Araújo (2002), Almeida Júnior (2003) e Bernardino e Suaiden (2011). Devido as nossas pesquisas no campo empírico, gostaríamos de investigar: Hoje, quais são as funções da Biblioteca Pública? Esta função social da Biblioteca Pública está sendo desenvolvida realmente? A Biblioteca pode ser vista como uma Biblioteca ação cultural?

Analisando o surgimento da Biblioteca, vimos que, segundo Araújo (2002, p. 11): A Biblioteca Pública surgiu na Inglaterra fabril no século XIX, devido à revolução industrial, que exigia dos trabalhadores alfabetização e aprendizagem industrial. Surge então, como colaboradora da educação. Ainda segundo a autora mais especificamente a Biblioteca Pública surgiu na Inglaterra em 1850, nos Estados Unidos e na Inglaterra.

No Brasil a primeira Biblioteca Pública surgiu em 1811 na Bahia. Araújo (2002, p. 18) ressalta que no Brasil essas bibliotecas surgiram com um objetivo liberal de educação para todos. Mas as Bibliotecas Públicas brasileiras não atenderam a este objetivo, a grande maioria da população era analfabeta e escravizada. Essas instituições, no período colonial e imperial, eram elitistas e distantes das necessidades da população em geral. A autora ainda afirma que:

Este tipo de Biblioteca Pública se torna mais incompatível ainda em relação à sociedade brasileira, se falarmos em liberdade de acesso às informações, sejam elas quais forem. Assim, o modelo inglês não se adaptou às estruturas sociais vigentes no Brasil, o que temos no lugar deste, é uma versão “adaptada”, uma mistura de repartição pública e gabinete português de leitura (ARAÚJO, 2002, p. 67).

Hoje também temos modelos adaptados, como o colombiano das Bibliotecas Parques. E estas, como funcionam no Brasil?

Partimos do princípio que a Biblioteca Pública deva ser um instrumento de ação cultural, um espaço de diálogo, interação entre usuários, funcionários e não usuários. Concordamos com Flusser (1982, p. 230) quando o autor afirma que: “Sua função social não seria mais a de ser um museu ou um supermercado de livros, mas um espaço de diálogo. Entre *usuários, leitores e livros*. E o novo bibliotecário deve surgir como um

*agente catalisador*, desse diálogo, ação cultural”. Nesse sentido, podemos pensar no Bibliotecário que atua em uma Biblioteca Pública, sendo um mediador entre leitura e usuário. Dinamizando o seu acervo através da ação cultural, afim de que esse usuário seja um cidadão crítico, criativo e consciente.

Sabemos que a função da Biblioteca Pública se modifica de acordo com a evolução da sociedade. De acordo com Paiva (2008, p. 14), “a primeira função da Biblioteca, historicamente, era indistinta da função do arquivo, ou seja, ela tinha a função de arquivo, que se refere a reunir e preservar os registros de conhecimento”. Ainda, segundo a autora, depois com o passar dos anos, com a explosão bibliográfica, a biblioteca passa a ter catálogos e começa a desenvolver a sua função de organização, que ocupa grande parte de sua história.

Almeida Júnior (2003, p. 68) também reforça essa afirmação: “durante sua história, a Biblioteca Pública preocupou-se em essência, com a preservação, esquecendo ou relegando a disseminação”. O autor explica que algumas Bibliotecas ainda hoje, não alteraram a sua visão em relação à preservação, apegando-se de forma exagerada ao acervo. O autor nos alerta que a preservação deva ser importante sim, mas não pode se constituir em uma função maior que a disseminação da informação. Para não cairmos no erro de uma concepção *ultrapassada e retrógrada da Biblioteca Pública*.

Almeida Júnior (2003, p. 71) menciona a função educacional da Biblioteca Pública e afirma que:

80 a 90% dos usuários atendidos nas Bibliotecas Públicas são alunos. Eles ocupam a maior parte do tempo dos profissionais que atuam nessas bibliotecas, pouco sobrando para que se desenvolvam trabalhos voltados para outros tipos de usuários e para atender as demandas diferenciadas da educação formal.

Sabemos que, por muitas vezes, a Biblioteca Pública substitui a Biblioteca Escolar, devido à falta de Bibliotecas nas Escolas. Citamos como exemplo Niterói, Manginhos e Rocinha, pois, a localização das três bibliotecas é perto de grandes escolas públicas e nos faz perceber que a maioria de seus usuários são os alunos. Almeida Júnior (2003, p. 69) faz a seguinte pergunta: “Se uma rede de bibliotecas escolares fosse implantada no Brasil... o que aconteceria com a Biblioteca Pública? Como justificariam as verbas... que para elas são carreadas?” O autor parte da perspectiva que se essa situação acontecesse, a Biblioteca Pública, passaria por

alterações drásticas e teria que repensar a sua função, até por uma questão de sobrevivência.

A Biblioteca Pública evoluiu e passou a ter outras funções além das funções de preservação, de organização e educação. “Como organismos vivos e por estarem diretamente ligadas às transformações sociais, com o passar do tempo evoluíram, e incorporaram também as funções de lazer, cultura e informação” (ALMEIDA JÚNIOR, 2003, p. 75). No nosso trabalho enfatizamos mais a função cultural da Biblioteca Pública; vimos nesta um lugar privilegiado de práticas culturais.

Em sua obra *Biblioteca Pública: avaliações de serviços* Almeida Júnior (2003) classifica a Biblioteca Pública em: Biblioteca Pública tradicional e a Biblioteca Pública alternativa.

A “Biblioteca Pública tradicional” pode ser definida como:

O excesso de preocupação com os trabalhos técnicos das bibliotecas; o cuidado exagerado com a preservação e a reunião de grandes quantidades de materiais; a seleção descuidada e restrita a doações aleatórias; o direcionamento do trabalho apenas para a leitura; a ênfase no livro e o seu entendimento como a única forma de transmissão da cultura (ALMEIDA JÚNIOR, 2003, p. 26).

Já a “Biblioteca Pública alternativa” deve ter como foco a informação, independentemente do seu suporte. A comunidade como um todo vai representar o público mais importante dessa Biblioteca. E essa comunidade deve participar nas decisões da política, dos objetivos e no rumo da Biblioteca. A convivência entre bibliotecário e comunidade deve ser extremamente estreita. O autor define como Biblioteca Alternativa: “as propostas, práticas ou teóricas, que visam alterar, modificar, transformar os trabalhos, as atividades, as posturas, as ideias das Bibliotecas Públicas tradicionais” (ALMEIDA JÚNIOR, 2003, p. 86). Ou seja, essas ações, práticas ou teorias pode ser a ação cultural transformadora.

Ainda de acordo com Almeida Júnior (2003, p. 94) as tipologias das Bibliotecas alternativas podem ser: *Biblioteca Comunitária Conjunta; Biblioteca Viva; Biblioteca Ação Cultural; Biblioteca Verdadeiramente Pública; Bibliotecas Comunitárias e Bibliotecas Populares.*

Consideramos que a Biblioteca Parque deva ser uma Biblioteca Pública Alternativa, do tipo Biblioteca Ação Cultural, conforme definida por Flusser (1982) e Almeida Júnior (2003), deve possuir uma relação íntima com a comunidade a sua volta.

Principalmente as Bibliotecas Parques de Manguinhos e Rocinha, por estarem inseridas em suas comunidades. Será que as novas tipologias de Bibliotecas “Parques” encontram-se realmente na tipologia “alternativa”, defendidas pelo o autor?

Almeida Júnior (2003, p. 95) também lista as atividades desenvolvidas pelos bibliotecários, denominadas ação cultural que são: hora do conto, poesia, teatro, cinema, televisão, jogos educativos, concursos, palestras, exposições, cursos de artes, outros cursos, gincanas, caça ao tesouro, eventos relacionados a um tema. O autor diz que:

Invariavelmente, tais serviços são organizados visando a criação do gosto pela leitura e **avaliados pela quantidade de materiais retirados para empréstimo daqueles que deles participaram**. Alguns implantados como meros **eventos**, desvinculados uns dos outros, e realizados meramente por serem hoje **considerados como atribuição das Bibliotecas Públicas** (ALMEIDA JÚNIOR, 2003, p. 95 Grifo Nosso).

Todas as atividades listadas acima pelo autor podem ser vistas nas três Bibliotecas Parques. Será que a Biblioteca Parque promove ação cultural ou eventos isolados?

Inicialmente, na implantação das três Bibliotecas Parques, durante 2010 e 2011, a Secretaria de Cultura delimitou que ação cultural seria padronizada nas três bibliotecas. Aos poucos, esse cenário foi mudando, de acordo com a necessidade de cada comunidade. Mas algumas ações são mantidas, até hoje, como a contação de histórias e a roda de leitura.

A esse respeito, Miranda (1978, p. 74) escreve que: “Uma biblioteca ou tem a sua personalidade própria ou passa despercebida, desaparece no anonimato ou na mediocridade de todas as rotinas sem convicção e sem alma”. Por isso vimos que a ação cultural deve ser feita para e com a comunidade na qual está inserida.

Antonio Miranda em seu artigo: “A missão da Biblioteca Pública no Brasil”. Faz a pergunta: Qual a missão da Biblioteca Pública num país de dimensões continentais e de desnivelamentos regionais tão marcantes como o Brasil? O autor responde que:

Não pretendemos dar uma resposta definitiva – mesmo porque a biblioteca é um fenômeno histórico em um regime de mútua e permanentemente influência (interação) com o meio ambiente e também porque toda instituição... está umbilicalmente ligada àqueles que a organizam... A biblioteca é, por conseguinte, uma célula viva, única. Nenhuma biblioteca é igual a outra... Longe de constituir-se uma desvantagem, está é a essência mesma de qualquer instituição democrata (MIRANDA, 1978, p. 69).

Em relação às definições clássicas da Biblioteca Pública, Miranda (1978) menciona que algumas parecem abrangente demais, que foram criadas para uma realidade melhor que a nossa. Soam pretensiosas quando se deparam com o nosso país, subdesenvolvido, desigual. Surgem as nossas *mal aparelhadas Bibliotecas Públicas*. Miranda (1978, p.70) ainda afirma que algumas Bibliotecas: “adormecem como depósitos perdidos com livros mortos na estante por falta de mãos hábeis para dinamizá-los”.

Podemos perceber, desde aquela época (1970) até os dias atuais (2014), há uma preocupação em torno da dinamização do acervo e da mediação da leitura. Será que houve uma mudança significativa de postura, do profissional atuante na Biblioteca Pública? As três Bibliotecas Parques que estudamos, possuem uma realidade diferente de outras Bibliotecas Públicas, porque têm acervos atualizados, tecnologia de ponta, construções lindas. Constatamos que o grande desafio delas é exatamente a mediação de leitura, a dinamização do acervo, *as mãos hábeis para dinamizá-los*.

Ainda, segundo Miranda, a missão fundamental da Biblioteca Pública deveria ser o de promover o gosto e o hábito pela leitura. “Na batalha para atrair os leitores, a imaginação deve voar sem limites. Das Bibliotecas Públicas já se disse que elas podem fazer tudo, desde promover a leitura até servir de consultório, sentimental” (MIRANDA, 1978, p. 74). Nas Bibliotecas Parques, também vimos várias atividades para despertar o gosto pela leitura, são as mais variadas possíveis como: contação de história, roda de conversa e gincana entre outras.

Suaiden também ressalta a função da Biblioteca Pública (2000, p.52) e afirma que: “O papel da Biblioteca Pública passa a ser de vital importância, na medida em que pode se tornar o grande centro de disseminador da informação, atuando principalmente para diminuir as desigualdades existentes na injusta sociedade brasileira”.

Nesse contexto, ligamos o conceito de inclusão social e Biblioteca Pública. A inclusão promovida pela Biblioteca deve ser antes de tudo, uma inclusão cultural de todos os indivíduos, independentemente de suas condições sociais, econômicas, regionais, entre outras.

Bernardino e Suaiden (2011, p. 34) destacam a importância do papel social da Biblioteca Pública na sociedade contemporânea e mencionam que seu papel deve ser fomentador da leitura e da cultura na sociedade. Deve possuir uma relação intrínseca com a comunidade, gerando conhecimento e favorecendo a cidadania. E a palavra

“pública” em sentido amplo deve significar “livre”, “aberta”, “democrática”, “socializadora”. Ou seja, “um ambiente vivo e efervescente de cultura”.

O papel da Biblioteca Pública, na sociedade atual, mencionado por Suaiden (2000, 2011) é uma realidade perfeita, mas nem sempre no cenário brasileiro encontramos essa realidade ideal. Conforme dito acima, confrontando com Miranda (1978) parece que a conceituação da Biblioteca Pública é feita para uma realidade melhor que a nossa, um país subdesenvolvido e repleto de desigualdades sociais.

Um ponto em comum, que podemos destacar, entre os autores Miranda (1978), Almeida Júnior (2003), Bernardino e Suaiden (2011) é a relação profunda que a Biblioteca Pública deve possuir com a sua comunidade. Principalmente as Bibliotecas que estamos tratando, em nosso campo empírico, que se encontram, situadas no interior de suas comunidades.

Outro aspecto importante que Bernardino e Suaiden (2011) ressaltam é o papel da Biblioteca Pública e da Ciência da informação que se conciliam na medida em que:

A Ciência da Informação participa ativamente do fenômeno que transforma a informação em conhecimento e a Biblioteca Pública, enquanto instituição que abriga em seu escopo a máxima de acesso à informação a todos sem distinção é o lugar social desse fenômeno (BERNARDINO; SUAIDEN, 2011, p. 36).

Os autores afirmam que, a função social da Biblioteca Pública é o acesso e a disponibilização da informação para todos os sujeitos, sem distinção nesse sentido, vimos que a responsabilidade social da Ciência da Informação consiste em:

"A transmissão de conhecimento para aqueles que dele necessitam é uma responsabilidade social, e essa responsabilidade social parece ser o fundamento em si para a Ciência da Informação" (WERSING; NEVELING, 1975).

A Biblioteca Pública deve abarcar em sua missão todas essas mencionadas, no presente capítulo: preservação, memória, educacional, cultural, recreativa, lazer, de acesso e disseminação da informação, de fomentar a leitura e a cultura e de auxiliar no processo de cidadania.

Para que uma Biblioteca Pública possa ser uma Biblioteca “verdadeiramente Parque” precisa ser um espaço de diálogo, de ação cultural, de conscientização dos indivíduos, de expressão da comunidade, enfim um espaço de inclusão sociocultural.





## 5.1 INCLUSÃO CULTURAL PARA A INCLUSÃO SOCIAL NA BIBLIOTECA PARQUE

Os autores Almeida e Gonçalves (2013) realizaram um estudo com o objetivo de verificar como a inclusão social tem sido abordada na área da Ciência da Informação analisando os periódicos científicos da área da CI no período de 2001 a 2010. Os autores afirmam que no início do século XXI o tema da inclusão social está em voga em várias áreas do conhecimento e, partindo desse pressuposto, o assunto também deve estar presente nas discussões da CI. Porém o tema da inclusão ainda é pouco discutido na nossa área.

Partilhamos das ideias dos autores: “A partir do momento em que a inclusão social for discutida por toda sociedade, o profissional bibliotecário não pode ficar à margem nesse contexto, ele deve participar ativamente desse processo” (ALMEIDA; GONÇALVES, 2013, p. 246).

Para pensarmos em uma sociedade inclusiva é necessário pensarmos na informação como um bem estar social, sendo um direito de todos. “A Ciência da Informação é uma área que deve estar atenta às necessidades sociais de informação, sendo assim, esta deve servir como alicerce para o desenvolvimento de políticas de inclusão social” (ALMEIDA; GONÇALVES, 2013, p. 244).

No resultado da pesquisa de Almeida e Gonçalves foi constatado que a maioria dos artigos de periódicos em CI trata a inclusão digital como uma forma de inclusão social, a esse respeito os autores afirmam que a inclusão social é muito mais ampla do que o simples fato de incluir pessoas *digitalmente excluídas*.

O tema da inclusão nos remete a pensar em igualdade de oportunidades e cidadania, perpassa a questão dos direitos e deveres do cidadão.

O direito de ter direitos é extensivo a todos, particularmente àqueles grupos minoritários que têm estado em situação de desvantagem no que tange à qualidade de vida, à dignidade, à liberdade, à participação na vida familiar e comunitária, à igualdade de oportunidades em saúde, educação, trabalho, lazer e à participação social. Assim o exercício da cidadania não pode se restringir somente à questão de direitos e deveres de uma parcela da população, devendo abranger, também, as questões referentes aos grupos excluídos ou rejeitados pela sociedade (MELLO et al., 2007, p. 120).

Conforme vimos anteriormente no início desta seção, o conceito de inclusão social é amplo e abrange muitos aspectos da sociedade, como direito a informação, educação, saúde, emprego, cidadania entre outros.

Mello (2007, p. 121) afirma também que: “No processo de inclusão, busca-se dissipar as barreiras e estigmas consolidados em relação a grupos socialmente marginalizados, do qual fazem parte os portadores de deficiência, a diversidade étnica, religiosa e sexual”.

Com essa temática, da inclusão social, podemos pensar na função da Biblioteca Pública e sua contribuição para a pontencialização da cidadania, estando ela em posição privilegiada, tornando a informação e a cultura acessível a todos.

As Bibliotecas Públicas são compreendidas como organismo de vital importância social na circulação da informação, e as políticas públicas começaram a surgir e a fundamentar ações nesse contexto. Atualmente, o aparecimento das tecnologias da informação acelera o processamento, o armazenamento e a comunicação da informação, e um novo cenário de otimismo parece **evocar a euforia da inclusão social**, isto é, a participação social de todos os sujeitos, independente de classe social, raça ou credo (BARRETO; PARADELLA; ASSIS, 2008, p.27 Grifo Nosso).

Para o desenvolvimento do tema da inclusão social também nos baseamos no Manifesto da UNESCO (1994) sobre Biblioteca Pública:

A liberdade, a prosperidade e o progresso da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Só serão atingidos quando os cidadãos estiverem na posse das informações que lhes permitam exercer os seus direitos democráticos e ter um papel ativo na sociedade. A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória como de um acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação. A biblioteca pública, porta de acesso local ao conhecimento, fornece as condições básicas para a aprendizagem ao longo da vida, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural do indivíduo e dos grupos sociais.

Entendemos que o processo de inclusão social deve ser antes de tudo um processo de inclusão cultural de todos os cidadãos. Nesse contexto, de acordo com o

Manifesto da UNESCO a Biblioteca Pública surge como porta de entrada do conhecimento, auxiliando o desenvolvimento cultural dos indivíduos.

Reforçamos a ideia que a inclusão social promovida pela Biblioteca Pública deva ser uma inclusão cultural antes de tudo, e essa função destacamos como uma das funções mais importante da Biblioteca. Afinal de acordo com Wilder (2009, p.11) “pensar em uma ação cultural transformadora de mentalidades, dirigida a uma população marginalizada social e culturalmente, é pensar em educação, em questões que envolvem ética e cidadania”. Partimos desse princípio e interligamos todas as nossas questões de pesquisa: ação cultural, leitura, inclusão social e cultural, o que constituem na verdadeira missão da Biblioteca Pública.

Acreditamos também que o novo modelo Biblioteca Parque seja um modelo de Biblioteca Pública que deva promover a inclusão sociocultural de todos os sujeitos.

Para escrever sobre as Bibliotecas Parques nos baseamos no documento Plano Estadual de Cultura (2012), no site da Secretaria de Cultura e na dissertação de Aline Gonçalves da Silva intitulada: *A Biblioteca Pública como fator relevante no processo de inclusão social e digital: um estudo de caso da Biblioteca Parque de Manguinhos*.

A função da Biblioteca Parque é mais cultural. A Secretaria do Estado de Cultura do Rio de Janeiro elaborou um documento que visa apontar as Políticas Públicas para o Estado do Rio de Janeiro para os próximos dez anos. Esse plano se apóia no Plano Nacional de Livro e Leitura e menciona a Biblioteca Parque: “A promoção de leitura é o centro de trabalho das Bibliotecas Parques” (RIO DE JANEIRO, 2012).

De acordo com Silva (2012, p. 29), as Bibliotecas Públicas estão ganhando face de Biblioteca Parque, que são configuradas por sua arquitetura moderna e equipamentos de informática de alta tecnologia. Desempenhando a mesma função de um centro cultural. Promovendo o lazer, o acesso à cultura e a interação com a comunidade. O objetivo da Biblioteca Parque é incentivar a produção, a fluência e a difusão da produção artística.

“Neste novo conceito de Bibliotecas, o acervo e o mobiliário são programados para oferecer um ambiente agradável e propício a momentos de estudos e lazer, de forma a contribuírem para o enriquecimento da vida em sociedade” (SILVA, 2012, p. 30).

Conforme diz o site da Secretaria de Cultura: a Biblioteca Parque surgiu em 2006 na cidade de Medellín, na Colômbia. Onde existia um alto índice de violência e

baixo nível educacional. A cidade viu diminuir esses índices com a implantação da Biblioteca Parque.

O Brasil possui um cenário parecido com a cidade de Medellín. Visto isso, o governo inspirou-se no modelo Colombiano, implantando a primeira Biblioteca Parque brasileira: a Biblioteca Parque de Manguinhos. Logo após a Secretaria de Cultura estendeu o modelo para a Biblioteca Pública de Niterói e para a Biblioteca Parque da Rocinha. A Biblioteca Parque faz parte do Programa de Aceleração de Crescimento (PAC).

O conceito de Biblioteca Parque significa biblioteca e parques para leitura ao ar livre. O seu horário de funcionamento é mais extenso, de terça a sexta de 10h às 20h, e sábado e domingo de 8h às 17h. Seu acervo é composto por diversos tipos de suportes, o acesso à internet é livre. É mais interativa com os seus usuários que utilizam a biblioteca também como lazer. Ela deve possuir uma ampla gama de atividades de ação cultural.

Nas reflexões finais, o documento coloca a Biblioteca Pública como uma estrutura viva e dinâmica, e é valorizado como um espaço de encontro entre as pessoas, já que estamos numa sociedade interligada por redes de computadores. A parte final do documento também aborda a Biblioteca como um instrumento que auxilia na produção de novos conhecimentos e promove a cidadania cultural.

O documento menciona que se deve investir na relação Biblioteca, educação, cultura e novas tecnologias, buscando atender os mais variados tipos de público. Objetivando alcançar novos públicos “...é preciso cuidado especial com o ambiente vivo de programação da biblioteca, com a formação de horizontes de pertencimento e convivência através de atividades, curso, palestras, assim como oficinas com artistas, atores e educadores...” (RIO DE JANEIRO, 2012).

A programação da Biblioteca deve englobar a ação cultural, como já dito. Por esse motivo as Bibliotecas Parques fazem parte do campo empírico da nossa pesquisa. Mas todos os outros tipos de Biblioteca podem e devem realizar ações culturais.

## 6 UM OLHAR SOBRE AS BIBLIOTECAS PARQUES

As observações e experiências foram desenvolvidas nas Bibliotecas Parque da Rocinha, Biblioteca Pública de Niterói e Biblioteca Parque de Manguinhos. E foram relatadas em forma de um diário de campo.

Utilizei três tipos de fonte, do Word, para diferenciar os textos, de forma que:

- Arial – foi selecionada para indicar o registro das informações do diário de campo. Minhas observações, citações, referências de autores;
- **Arial Rounded MT Bold** – utilizada nos textos de entrevistas realizadas com os funcionários das Bibliotecas e
- **Arial Black** – escolhida para a fala da comunidade de **Niterói e Manguinhos.**

Conforme visto, a ação cultural deve ter um caráter transformador, conscientizando e estimulando a produção de novos conhecimentos dos sujeitos envolvidos. O nosso diário de campo contém observações e impressões com as seguintes questões:

- Se ação cultural desenvolvida na Biblioteca Pública tem esse caráter transformador?
- Como o bibliotecário atua frente a essas ações?
- Quais são as práticas de leitura estimuladas nessas Bibliotecas?
- Como é realizado o processo de mediação de leitura e, se o bibliotecário participa desse processo?

Durante agosto de 2012 e maio de 2014, realizei visitas nas Bibliotecas. Participei de algumas atividades culturais, fiz visita guiada e entrevistei funcionários do setor de cultura, bibliotecários e usuários da comunidade.

As informações do diário de campo estão em primeira pessoa do singular pelo diário constituir uma metodologia muito subjetiva e pessoal.

As entrevistas e as falas da comunidade foram transcritas na íntegra, objetivando a veracidade das informações. Nessas falas não existe a interferência do pesquisador, só após as entrevistas que existem as minhas reflexões com o embasamento dos autores citados.

## 6.1 BIBLIOTECA PÚBLICA DE NITERÓI (BPN)

Dia 28/08/2012, comecei o meu diário de campo na Biblioteca Pública de Niterói (BPN), localizada na Praça da República, s/nº Centro de Niterói. A fim de analisar se, e como, a Biblioteca Pública pratica a ação cultural.



**Figura 1:** Entrada da Biblioteca Pública de Niterói.  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 28/08/2012.

Não me identifiquei como aluna de Mestrado realizando pesquisa de campo, logo no primeiro contato; comportei-me aparentando ser apenas, mais uma usuária. Essa postura se justifica em buscar ter as mesmas impressões, ou sentir “na pele” a experiência de um usuário comum, sem que o título acadêmico, pudesse interferir diretamente nessa experiência inicial. Fiquei com receio de obter “informações prontas”, ou manipuladas, sobre a Biblioteca, ao me identificar, de início, como profissional da área.

A arquitetura da BPN é linda, antiga, com um toque de modernidade para inserir o novo conceito de Biblioteca Parque. Não pude tirar muitas fotos do espaço porque precisaria de uma autorização da Secretaria de Cultura. Então, dediquei-me às observações, entrevistas e algumas fotos que foram permitidas.

Chamaram-me a atenção, convites para uma Roda de Leitura, para o mesmo dia, às 14:30h. Esses estavam dispostos por cima das mesas de leitura. Logo, resolvi participar como observadora. As rodas de leitura são realizadas todas as terças-feiras, ao mesmo horário.

O evento era realizado numa sala vazia, com estantes vazias, móveis antigos. Havia cinco pessoas participando. Talvez pelo horário, comercial. A mediadora foi uma estudante de Letras, funcionária da própria Biblioteca. Recebemos uma cópia do texto, de um dos capítulos, do livro de Rubem Fonseca. *Feliz ano novo*<sup>4</sup>.

Não houve nenhuma dinâmica para descontrair e para interagir com o texto como eu esperava. Logo pensei: será que essa Biblioteca está praticando a ação cultural ou animação cultural? Um fator positivo que poderia caracterizar essa atividade como ação cultural, foi que, os usuários, ao final dessa atividade, expressaram suas próprias opiniões e interpretações sobre o texto. Não conversei com os usuários ao final da atividade, para saber suas impressões sobre a experiência, sobre o evento em si.

Pude observar que, ao final da ação cultural, alguns usuários levaram o livro para empréstimo. Esse não pode ser o único objetivo da ação cultural. O mediador deve tomar cuidado para que a ação cultural não seja considerada apenas uma nova obrigação da Biblioteca Pública. Sobre a ação cultural burocrática Almeida Júnior (2003, p. 91) afirma que:

Tais trabalhos obtêm sucesso, atingindo seus objetivos, quando, finda sua realização, os participantes acorrem às estantes e retiram livros por empréstimo. Além disso, a interferência dos bibliotecários, que inegavelmente existe, se exacerba quando eles atribuem a si próprios a decisão sobre o que deve e o que não deve ser considerado como leitura “saudável”, “boa” leitura.

---

<sup>4</sup> FONSECA, Rubem. **Feliz ano novo**. São Paulo : Companhia das Letras, 2004.





**Figura 2:** Fachada da Biblioteca Pública de Niterói  
**Fonte:** foto tirada pela autora – 25/07/2013.

Dia 25/07/2013, Nesse dia, realizei uma entrevista com o Bibliotecário de Referência e o Museólogo assistente de Produção Cultural que trabalham na Biblioteca Pública de Niterói.

### **Entrevista com o Bibliotecário da BPN.**

- A Biblioteca Pública de Niterói não tem Parque na sua denominação, por não estar dentro de uma comunidade como é o caso da Rocinha e Mangueiras, mas trabalha com a metodologia Parque por estar vinculada a Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro. Nesta metodologia a Biblioteca Pública deve ter a função de um Centro Cultural, com ênfase na leitura.

- A Biblioteca Pública de Niterói foi fundada em 1935 era tradicional e funcionava como um depósito de livros, atendendo apenas estudante de 2º grau. Quando reinaugurou, em julho de 2011, com face de Parque, passou a ter uma nova função cultural. Os usuários hoje são variados. Nos dias de semana, à tarde, são estudantes de escolas públicas das redondezas; à noite frequentam pesquisadores e universitários. Aos finais de semana são crianças, idosos e moradores de rua.

- BPN é um prédio tombado que pertence ao conjunto arquitetônico de Niterói do início do século do XX. A reforma não

permitia a quebra de paredes, a construção de andares. Um fator negativo é que muitas atividades culturais ocorrem no meio da Biblioteca perto do balcão de empréstimo, ou nas escadarias, sendo bem no centro da Biblioteca e alguns usuários pedem silêncio. O fator positivo é que certas vezes abrange um maior número de usuários.

- No início, a Secretaria de Cultura padronizava o acervo e a ação cultural, em Manguinhos, Niterói e Rocinha. Porém, os funcionários sentiram necessidades diferentes de acordo com sua comunidade. Mantemos as roda de leitura e a contação de história. Muitas pessoas do município de Niterói procuram a nossa Biblioteca para realizar a sua atividade cultural e a responsável pela ação cultural seleciona quais atividades irão ocorrer na BPN.

- Nesses dois anos de reabertura da Biblioteca não fizemos estudo de uso e usuários porque não possuímos a liberdade de formação do acervo, essa autonomia vem da Secretaria de Cultura.

- A divulgação da ação cultural é feita através do site da Secretaria de Cultura, facebook, mala direta (via e-mail) e agenda cultural de Niterói.

- Na BPN existem várias linguagens profissionais de várias áreas do conhecimento atuando. Um fator negativo é alta rotatividade dos funcionários, que deixam a Biblioteca por surgirem outras oportunidades em sua área de atuação.

- Por muitas vezes a ação cultural resulta uma resposta imediata no usuário, como também pode levar meses para essa ação agir nesse usuário. A ação cultural voltada para as crianças são as contações de histórias, que ocorrem terças e quintas – feiras, 11 horas e 15 horas. E algumas vezes a apresentação de peças infantis.

- As atividades voltadas para os adultos são as rodas de leitura que ocorrem toda terça-feira às 14 horas. E as rodas de conversa que abordam um tema atual como, por exemplo, a última: “O combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes”. Essa conversa teve a participação de membros da Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos de Niterói. Essa atividade

**abrange um grande número de usuários e todos expressam suas opiniões a respeito do tema.**

**- Ainda não existem ações culturais voltadas para o público idoso. Que são frequentadores do final de semana, eles apenas utilizam o espaço lendo jornais ou descansando.**

**- As ações culturais que já têm seu público próprio, como alguns espetáculos, e lançamento de livros, que o autor já traz o seu público, julgo que essa atividade não transforma e nem conscientiza os usuários. A ação cultural válida em minha opinião é feita com o público da Biblioteca.**

**- Um fator que consideramos com inclusão social são os moradores de rua que frequentam a Biblioteca eles utilizam a sala audiovisual e a internet.**

**- Para entrar na Biblioteca começamos a exigir a carteira de identidade, muitos tiraram e colocaram o endereço de abrigos, enfim tornaram-se cidadãos. Fizemos a diferença na vida dessas pessoas, apreendemos muito com os usuários e estes aprenderam com a gente. É uma troca, o modelo Parque é uma experiência jamais vista no Brasil.**

Observei que no setor cultural trabalham duas pessoas. Um Museólogo e uma responsável pelo setor que é Pedagoga. Os demais funcionários fazem sugestões, participam de dramatizações, mas não participam da elaboração das atividades culturais. O bibliotecário também fica de fora desse processo de criação da ação cultural.

O bibliotecário não deve se conformar em ficar de fora desse processo de ação cultural. “Defendemos que a mediação está presente em todos os fazeres do profissional da informação” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92). A ação cultural a mediação da informação devem constituir a função primordial do bibliotecário.

Com a entrevista vimos que a BPN atende a uma grande quantidade de usuários, os mais variados possíveis, como estudantes, crianças, idosos, moradores de rua, entre outros. Suaiden afirma que a Biblioteca Pública se

perde em sua função social principal (disseminar a informação) ao tentar ser tudo para todos.

A própria denominação “Biblioteca Pública” pressupõe uma entidade prestando serviços ao público em geral independentemente das condições sociais, educacionais e culturais. Nesse aspecto reside a grande falha da Biblioteca Pública, pois, até hoje, o único segmento que é atendido parcialmente, em pequena proporção, é o dos estudantes de primeiro e segundo graus. Na batalha por responder às inquietações da sociedade sobre o seu papel, a Biblioteca Pública perde cada vez mais prestígio e poder, deixando de ser o grande centro disseminador da informação por tentar “ser tudo para todos” (SUAIDEN, 2000, p. 57-58).

Vimos também que, desde a reinauguração da BPN, como Biblioteca Parque, os bibliotecários não fizeram estudos de uso e usuários, pelo fato da BPN não possuir a liberdade de compra de acervo. Esse não seria o único motivo para estudar o usuário, existem outros objetivos como a ação cultural, o atendimento.

Já a partir da formação da coleção, chegando até o atendimento, percebe-se que o trabalho e a preocupação dos profissionais estão voltados para uma “mídia de interesse e de necessidade dos usuários”, levantada a partir de uma idealização do público, de uma pré-concepção dos usuários. Não são feitos estudos de usuários ou de comunidade para definir o perfil daqueles que utilizarão a biblioteca (ALMEIDA JÚNIOR, 2003, p. 84).

Dia 27/03/2014, fui à Biblioteca Pública de Niterói para acrescentar na pesquisa de campo a fala da comunidade. Os usuários são de perfis bem diversificados como: alunos de ensino médio, fundamental, universitários, concurseiros, idosos, jovens, adultos e crianças em idade pré-escolar. Seleccionei uma amostra de dez usuários, e fiz entrevistas pedindo que eles se identificassem com a idade e a profissão. Perguntei sobre o tipo de material que fazem uso na Biblioteca. Quanto tempo e com que frequência utilizam a BPN. Se já viram ou participaram de alguma ação cultural promovida pela

instituição. E o que esta, realmente representa em suas vidas e para a sua comunidade.

## **FALA DA COMUNIDADE (BPN)**

### **Entrevistado 1:**

**- 27 anos.**

**- Universitário, graduação em Matemática.**

**- Utilizo a Biblioteca três vezes na semana, com a finalidade de estudo, trago sempre o meu próprio material. Leio livros de vez em quando. Não utilizo a internet. Assisti algumas apresentações que ocorreu na escadaria da Biblioteca. Acho o espaço da Biblioteca de extrema importância para a comunidade de Niterói.**

### **Entrevistado 2:**

**-60 anos.**

**-Aviador da marinha, piloto e professor.**

**-Conheci a Biblioteca através da minha sobrinha. Venho à Biblioteca duas a três vezes na semana, geralmente sexta, sábado e domingo. Venho aumentar a minha gama de conhecimentos, me atualizar, faço a leitura de jornal e revistas com contexto político, não utilizo o livro, a internet tentei usar, mas está sempre fora do ar. Só vi atividades culturais com as crianças, nunca vi nenhuma atividade com adulto.**

### **Entrevistado 3:**

**- 18 anos.**

**- Estudante do Liceu Nilo Peçanha.**

**- Venho sempre que saio cedo do colégio. Frequento a Biblioteca desde o início do ano. Leio livros de romance e filosófico. Ainda não presenciei nenhuma atividade de ação cultural. Eu não gosto muito de shop, acho a Biblioteca muito importante, um ambiente calmo e aconchegante, queria morar aqui, se tivesse uma cama então... Quando vim aqui pela primeira vez fiquei encantada. No Liceu só existe uma sala de leitura com livros didáticos. Longe de ser uma Biblioteca.**

#### **Entrevistado 4:**

**- 25 anos.**

**- Estudante de pós-graduação.**

**- Estou vindo à Biblioteca nesse mês de março durante todos os dias das minhas férias. Comecei a frequentar por conta da minha sobrinha que ainda é pequena. Achei o espaço bacana, diversificado, geralmente venho ler livros de literatura, nem venho estudar. Nesse mês ainda não teve ações culturais voltadas para adultos.**

#### **Entrevistado 5:**

**- 20 anos.**

**- Estudante de concurso.**

**- Utilizo a Biblioteca 3 a 4 meses, conheci a Biblioteca por minha amiga do curso de concurso. Aqui é minha segunda casa, chego uma hora da tarde e saio às sete da noite. Acho esse espaço muito importante para estudo, nunca presenciei nenhuma atividade de ação cultural.**

**Entrevistado 6:**

- 15 anos.
- Estudante do ensino fundamental.
- Moro em São Gonçalo, venho quase todos os dias na Biblioteca estudar para prova, acho esse ambiente ótimo para estudo. Não sei da existência de Biblioteca em São Gonçalo. Soube da existência da Biblioteca pela minha mãe e gostei muito. A única atividade que participei foi assistir um filme.

**Entrevistado 7:**

- 17 anos.
- Estudante do Liceu Nilo Peçanha.
- Frequento a Biblioteca há quase dois anos. Venho para a Biblioteca estudar e usar a internet. Venho de terça a sexta. Os professores do Liceu pedem para a gente vir para cá para estudar para a prova. Já vi palestras aqui mais nunca me interessei em participar.

**Entrevistado 8:**

- 10 anos.
- Aluno do COLUNI.
- Frequento a Ludoteca quase todos os dias, utilizo a internet, leio os livros e vejo os filmes. Na Ludoteca ocorrem atividades todos os dias. Contação de histórias, filmes, brincadeiras. Gosto de tudo.

**Entrevistado 9:**

- 65 anos.

**- Conheço a Biblioteca há muitos anos. Já frequentava antes da reforma. Venho trazer minha neta, para criar o hábito de leitura. Leio jornais e revistas. Já vi muitas atividades de ação culturais, mas só referentes às crianças na Ludoteca de 0 a 12 anos.**

### **Entrevistado 10**

**- 20 anos**

**- Pesquisador**

**- Frequento a Biblioteca há um mês aproximadamente, acho a Biblioteca de suma importância, deveria existir uma dessas Bibliotecas em todos os bairros, acho o acervo e o atendimento aqui de primeiro mundo.**

Através da fala da comunidade, vimos que a Biblioteca é um espaço importante que todos aguardavam em Niterói. As atividades culturais, nesse início de 2014, ainda ocorrem de maneira tímida. Na Biblioteca Pública de Niterói não existe uma mediadora de leitura como existe na Biblioteca Pública de Manguinhos. Por isso, não fiz a entrevista com o mediador de leitura. As atividades culturais ocorrem mais na Ludoteca, com crianças de 0 a 12 anos. O perfil dos usuários da BPN também é diferente em relação à Rocinha e Manguinho. A BPN não está situada dentro de comunidade. Os usuários utilizam a Biblioteca mais para estudo. Mas mesmo assim, julgo que ação cultural deveria ser mais intensa com os usuários. Afinal, conforme vimos, a promoção de leitura constitui a principal função da Biblioteca Parque. E Niterói está dentro do contexto, metodologia Parque.



## 6.2 BIBLIOTECA PÚBLICA DA ROCINHA (BPR).

Dia 22/01/2013, eu Ana Paula Bazilio, minha orientadora Nanci Nóbrega e minha amiga Jaciara Azeredo, também aluna do PPGCI- UFF, fomos cumprir mais uma etapa do meu Diário de Campo, realizando a visita à Biblioteca Parque da Rocinha, localizada na Estrada da Gávea, 454, Rocinha, RJ.

Quando cheguei à Biblioteca, achei linda, tanto na parte exterior quanto interiormente. Destaque para a arquitetura, o colorido e o mobiliário. Considero que uma comunidade marcada por tantas mazelas, principalmente com o pouco investimento na educação, merece uma obra assim, desse porte.

Essa foi a primeira visita, apenas para conhecer o espaço, portanto essa parte do diário de campo está mais descritiva, composta por fotos e algumas informações sobre a Biblioteca. Fui com grande expectativa em torno da minha pesquisa, a ação cultural na Biblioteca Pública, mas não consegui obter impressões significativas sobre essa questão nessa primeira visita.

Só pude observar como a Biblioteca está estruturada, seu mobiliário, rapidamente, o acervo e, aproveitei para analisar alguns usuários presentes naquele dia. Também tive o primeiro contato com a bibliotecária atuante nessa instituição, que me explicou um pouco sobre a BPR.



**Figura 3:** Lateral da Fachada da Biblioteca Parque da Rocinha.  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 22/01/2013.

Era um dia chuvoso, sentimos um pouco de dificuldade para chegar até lá. A Biblioteca fica localizada em uma parte relativamente alta da Rocinha, localização de difícil acesso. Logo na entrada da Rocinha perguntamos, a uns

cinco moradores e trabalhadores, onde se localizava a Biblioteca. Nenhum deles soube nos responder. No trajeto que fizemos, não vimos nenhuma campanha de marketing externo em relação à divulgação da Biblioteca na comunidade. A comunidade da Rocinha é composta por 70.000 habitantes de acordo com o último Censo, de 2010. Desses, 2.900 habitantes são inscritos na Biblioteca. Porém visto que a Biblioteca tem pouco tempo de funcionamento, inaugurada em junho de 2012, é um número razoável de usuários.



**Figura 4:** salão de leitura Biblioteca da Rocinha- 3º andar.  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 22/01/2013.



**Figura 5:** salão de leitura Biblioteca da Rocinha- 3º andar.  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 22/01/2013

A Biblioteca é composta de quatro andares. Sendo o primeiro andar de mídia. O segundo, de internet livre. No terceiro, estão o acervo e o que eles chamam de “Ludoteca”, que é um pequeno espaço destinado à Biblioteca Infantil. No quarto andar, funcionará uma escola de gastronomia.

De acordo com a Bibliotecária que trabalha na Rocinha:

**- A Biblioteca Parque é um novo conceito de Biblioteca, mais interativa, que migrou da Colômbia para o Brasil. A Biblioteca é “Parque” pelo seu horário extenso de funcionamento de terça a domingo de 10h às 20h. Pela rede wi-fi com internet livre. E sua função de lazer e cultural se assemelha a de um centro de cultura.**



**Figura 6:** salão de leitura Biblioteca da Rocinha- 3º andar.

**Fonte:** foto tirada pela autora– 22/01/2013

A bibliotecária de Referência nos informou também que:

**- Quem promove as atividades culturais são os profissionais formados em outras áreas do conhecimento: História, Produção cultural, Pedagogia e outras. O bibliotecário, infelizmente, não se envolve na criação das atividades culturais. Apenas recebe um roteiro semanal das atividades que serão desenvolvidas na Biblioteca.**

**-Também não existe uma bibliotecária na Biblioteca Infantil, denominadas por eles de Ludoteca, e sim, segundo ela, uma Ludotecária, com formação em Pedagogia. A Ludoteca é um espaço organizado para as criança. Possui uma grande diversidade de brinquedos, jogos, livros e outros materiais lúdicos.**



**Figura 7:** Ludoteca- 3º andar.

**Fonte:** foto tirada pela autora– 22/01/2013.



**Figura 8:** Ludoteca - 3º andar.

**Fonte:** foto tirada pela autora– 22/01/2013.



**Figura 9:** Pátio interno da Biblioteca da Rocinha.  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 22/01/2013.

Dia 25/06/2013, dei início a mais uma visita à Biblioteca Parque da Rocinha no intuito de acrescentar mais observações ao meu diário de campo. Utilizei a entrevista aberta para conversar com um dos funcionários responsável pelo setor de produção cultural da Rocinha.



**Figura 10:** Fachada da Biblioteca da Rocinha.  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 25/06/2013.

### **Entrevista com o Pedagogo que trabalha no setor de cultura da Biblioteca Parque da Rocinha.**

- A função da Biblioteca Parque da Rocinha não é apenas levar a cultura para a comunidade e sim a comunidade da Rocinha trazer a cultura popular para dentro da Biblioteca, sendo um instrumento de mediação da cultura.

- A ideia de um centro cultural na Rocinha é de 20 anos atrás e com a verba das obras do PAC (Plano de Aceleração e Crescimento) conseguiram realizar esse sonho, implantando a Biblioteca Parque.

- A atividade cultural de destaque realizada na Biblioteca são os espetáculos teatrais dramatizados pelo Grupo de Artes Cênicas da Rocinha.

- A nossa equipe ainda está reduzida, porque a Biblioteca possui um ano de funcionamento, a meu ver todos os funcionários têm liberdade de ação. O Bibliotecário coordenador da BPR realiza contação de histórias e algumas atividades culturais.

O entrevistado me relatou como a cultura dos moradores da Rocinha é propagada na BPR. Assim veremos nas fotos a seguir:



**Figura: 11:** Expositor da Biblioteca 3º andar.  
**Fonte:** foto tirada pela autora – 25/06/2013.

- No expositor existem livros escritos por autores que são moradores da comunidade da Rocinha.



**Figura 12:** escada da Biblioteca da Rocinha.  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 25/06/2013

**- Nas paredes das escadas janelas pintadas por um artista plástico da Rocinha.**



**Figura 13:** Fotos dos murais nas escadas da Biblioteca da Rocinha.  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 25/06/2013.

**- Essas fotos são de atividades realizadas dentro da Biblioteca. Feitas por moradores da Rocinha, como por exemplo, o Sarau de**

**Poesias que ocorre quinzenalmente. Sendo uma forma de propagação da cultura popular dentro da BPR.**



**Figura 14:** Fotos da Via Sacra dramatizada pelo grupo de teatro da Rocinha.

**Fonte:** foto tirada pela autora– 25/06/2013.

**- A Via Sacra é um espetáculo tradicional que ocorre nas ruas da Rocinha. Anualmente todas as sextas-feiras da paixão. São cenas da vida de Cristo, desde seu batismo até sua crucificação. As fotos do espetáculo ficam expostas nas paredes das escadas da Biblioteca da Rocinha.**

Ao término da entrevista observei que a atividade cultural que estava ocorrendo naquele dia era a Mostra Petrobrás de Cinema<sup>6</sup>, sendo exibido o filme Xingu<sup>7</sup> para alunos de escola pública das redondezas.



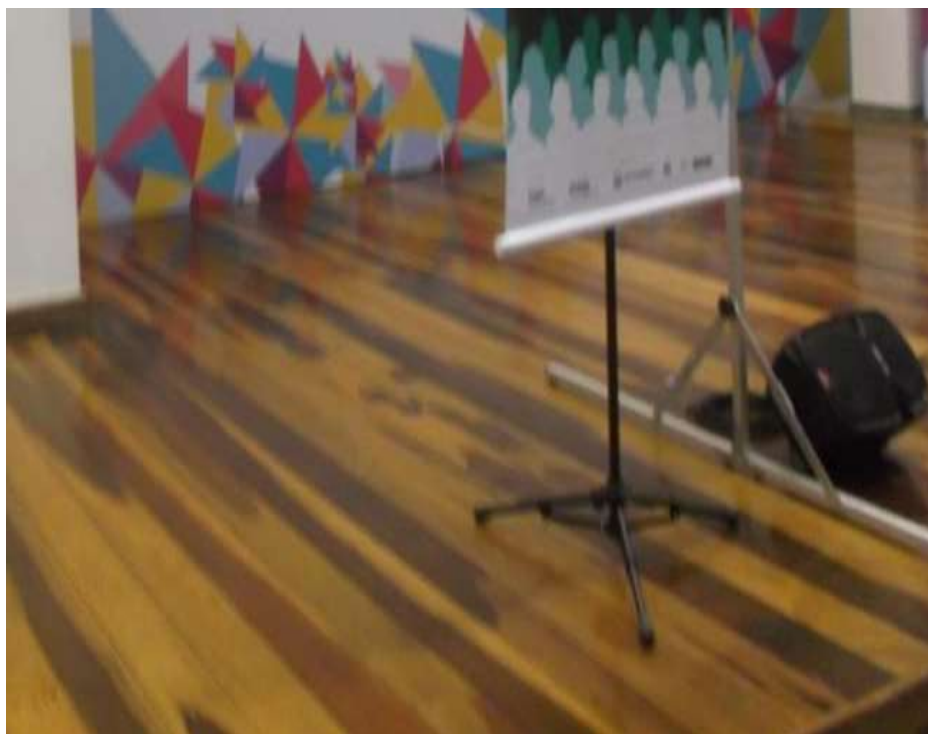


**Figura 15:** Mostra Petrobrás de Cinema – filme Xingu.  
**Fonte:** foto tirada pela autora Rocinha– 25/06/2013.

---

<sup>6</sup> Com patrocínio da Petrobras os estudantes das escolas públicas recebem mostra gratuita de cinema na Biblioteca Parque da Rocinha.

<sup>7</sup> Xingu - filme nacional, 2012. Relata a viagem de dois irmãos para Mato Grosso do Sul e o primeiro contato com os índios.



**Figura 16:** Teatro da Biblioteca da Rocinha 2º andar.  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 25/06/2013.

Observamos que as peças de teatro são atividades culturais de destaque na Biblioteca da Rocinha, assim como em outras Bibliotecas Parques. Nesse sentido, vale lembrar que Teixeira Coelho (1988, p. 90) vê o teatro como uma forma privilegiada de ação cultural, afirmando que: “a ação cultural encontra no teatro campo fértil para alcançar seus objetivos próprios. Porque o teatro promove a consciência do eu, a consciência do coletivo e a consciência do entorno”. E a intenção da ação cultural é a consciência do indivíduo sobre o seu mundo e sobre a realidade a sua volta.

Um aspecto que o entrevistado ressaltou foi à relação intrínseca da Biblioteca com a comunidade. “O reconhecimento do caráter público e comum a todos como identidade da biblioteca pública fortalecem, ainda, o entendimento de que o estreitamento da relação com a comunidade é fator essencial para o desempenho das funções da biblioteca pública” (BERNADINO; SUAIDEN, 2011, p.34).

Um fator importante é o caráter interdisciplinar da Biblioteca Parque da Rocinha sendo composta por profissionais de diversas áreas do conhecimento como Artes Cênicas, Pedagogia, Produção Cultural, entre outras.

Outro exemplo de Biblioteca, que no setor de ação cultural, não existem bibliotecários. Só existe bibliotecário no 3º andar onde fica localizado o acervo de livros da Biblioteca,

Qual seria a importância de ter um bibliotecário no setor de criação da ação cultural? Conforme visto e definido por Flusser (1983, p. 155) a criação é o engajamento político da ação cultural. Usuários e bibliotecários devem ser os criadores do processo da ação cultural.



**Figura 17:** Espaço de internet livre 2º andar.  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 25/06/2013.

Nesse espaço existem 12 computadores. Cada sócio da Biblioteca tem direito a usar os computadores por uma hora. O conceito Parque engloba a internet livre como forma de lazer. Será que existe a preocupação com a inclusão digital? Ou será que são apenas computadores disponíveis para o uso?

A inclusão social de portadores de necessidades especiais também é outro fator abordado pelas Bibliotecas Parques. Vi um setor em Braille, mas não me informei sobre as ações de inclusão.



**Figura 18:** Espaços em Braille localizado no 3º andar dentro da Biblioteca.  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 25/06/2013.

Essa visita, diferente das outras, foi agendada. O funcionário do setor de produção cultural pode refletir, previamente, no que iria me mostrar e talvez, nas possíveis respostas sobre minha questão de pesquisa.

A Biblioteca Parque da Rocinha foi a menos explorada, no campo empírico, no decorrer de minha pesquisa. Realizei duas visitas, não acrescentando a fala da comunidade. Esse fato ocorreu pelo difícil acesso à Biblioteca.

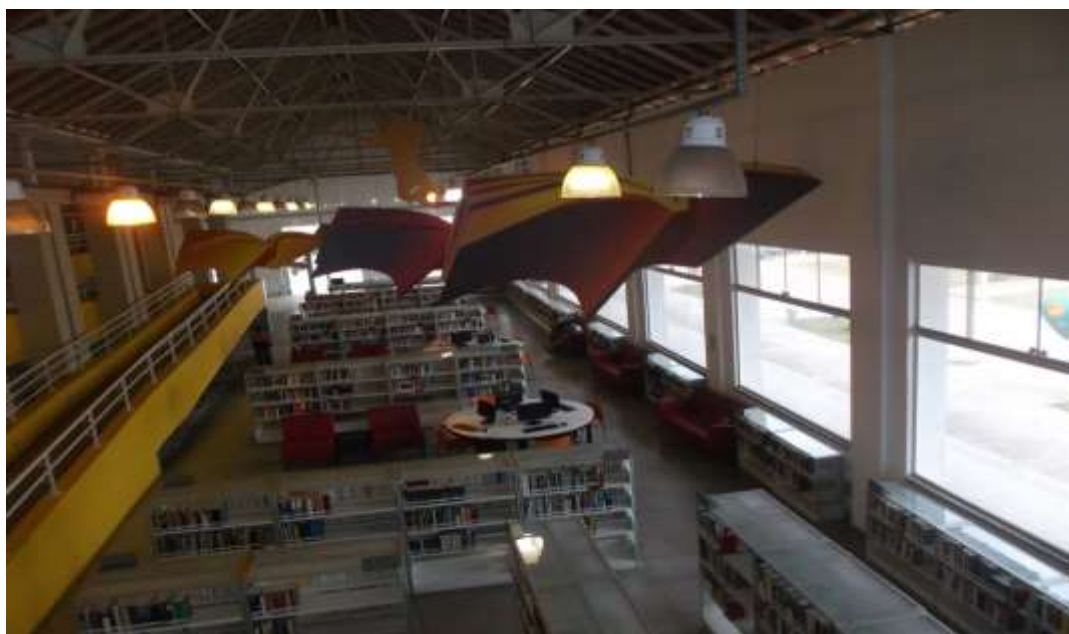
### 6.3 BIBLIOTECA PARQUE DE MANGUINHOS (BPM)

Dia 27/09/2013, dando continuidade ao meu diário de campo, fiz a minha primeira visita à Biblioteca Parque de Manguinhos - Avenida Dom Helder Câmara, 1184- Manguinhos - Rio de Janeiro. Inaugurada em abril de 2010, sendo a primeira Biblioteca Parque do Brasil.



**Figura 19:** Fachada da Biblioteca Parque de Manguinhos.  
**Fonte:** foto tirada pela autora na Biblioteca – 27/09/2013.

Propositalmente, não agendei essa visita no intuito de não obter respostas prontas e observar, mais espontaneamente o dia a dia daquela Biblioteca. Mas, tive a oportunidade de entrevistar a Bibliotecária e realizar uma visita guiada, pois naquele momento, estava agendada para estudantes de Biblioteconomia da Universidade Federal de Alagoas.



**Figura 20:** Parte interior da Biblioteca Parque de Manguinhos.  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 27/09/2013.

A Biblioteca é fascinante, linda. Mas, não sendo ingênua, percebi os mesmos problemas dos outros dois modelos Niterói e Rocinha. No setor de produção cultural não existem bibliotecários. Esses não possuem autonomia

para decidir sobre a ação cultural. A mediação de leitura com os jovens deveria ser mais intensa.

### Entrevista com a Bibliotecária da Biblioteca Parque de Manguinhos.

- A maioria de nossos usuários são os alunos do Colégio Estadual Luiz Carlos da Vila que fica localizado na frente da Biblioteca Parque de Manguinhos, os moradores da favela do Jacaré e Manguinhos. A maioria são meninos de 11 a 20 anos. É muito difícil trabalhar com adolescente, competir com a internet e com os jogos eletrônicos é tarefa árdua, já que a Biblioteca disponibiliza 40 computadores com internet livre. Uma solução que nós encontramos foi a Biblioteca bloquear o acesso à internet todos os dias no horário de 12h as 16h. Nesses dias eles fazem algumas atividades que podem despertar o gosto pela leitura por esses usuários como: a leitura de quadrinhos, jogos de tabuleiros, leitura de livros extraclasse que a professora do Colégio passa na sala de aula.



**Figura 21:** Adolescente utilizando os computadores na Biblioteca Parque de Manguinhos.

**Fonte:** foto tirada pela autora na Biblioteca Parque de Manguinhos – 27/09/2013.

- As atividades de incentivo à leitura são mais intensa com as crianças de 0 a 10 anos que frequentam a Ludoteca. Despertar o gosto

pela leitura em crianças é mais fácil do que despertar esse gosto nos adolescentes e nos jovens. Já vimos resultados nesses três anos de Biblioteca, crianças que frequentavam a Ludoteca agora se tornaram adolescentes leitores.

- O Sarau de Poesia é o carro chefe da Biblioteca ocorre todo o 1º sábado do mês, o público que frequenta já são de adultos. Existe também o Sarauzinho de Poesia na Ludoteca.

- Temos o Pic Nic literário que é composto por lanche e livro, alguns são realizados na praça em frente à Biblioteca e outros são realizados dentro da comunidade da favela do Jacaré e de Manguinhos.

- Quando a Biblioteca de Manguinhos foi inaugurada não era pacificada. Há um ano implantaram a UPP – Unidade de Polícia Pacificadora. Esses modelos de Biblioteca Parque são inspirados no modelo colombiano, onde Bibliotecas são implantadas em zonas de muito conflito, violência e tráfico de drogas intenso. Esse modelo em Medellín na Colômbia existe há 20 anos. No Brasil existe há três com a implantação da primeira Biblioteca Parque em Manguinhos em 2010. Nos primeiros meses que inaugurou a Biblioteca, tínhamos a sensação que não iria dar certo, os usuários eram agressivos ao falar, não tinham limites. Hoje já conseguimos educar esse usuário, temos algumas regras, não pode gritar, xingar e correr dentro da Biblioteca.

Analisando a entrevista vimos que a internet ainda representa uma ameaça em relação ao incentivo à leitura e ao livro. A internet deveria ser considerada como um suporte informacional de incentivo à leitura deveria existir práticas de leitura através da internet.

Nesse sentido, Almeida Júnior afirma que:

A disponibilização de computadores com acesso à Internet. São os computadores apenas alocados na biblioteca, permitindo aos usuários que os manuseiem, mas sem que haja um trabalho de orientação ou a oferta de serviços que atendam a necessidades possíveis de serem satisfeitas através da Internet (ALMEIDA JÚNIOR, 2003, p. 86).

Terminada a entrevista, até porque não agendei, apenas fui surpreendida pela visita guiada dos estudantes da Federal de Alagoas e fiz bom uso da oportunidade, adquiri algumas informações que me ofereceram subsídios para um panorama geral da Biblioteca.

**A Bibliotecária de referência da BPM continuou explicando sobre a BPM na visita guiada.**

**- No cine teatro, a tela de cinema é 5D, nos Shoppings do Rio de Janeiro só existem telas até 4D. O teatro é de última geração, o chão desce, o palco e a platéia aumentam e diminuem, as cadeiras são móveis, existem cadeiras para obesos, espaço para cadeirantes. Fizeram uma parceria com a Light e serão exibidos filmes que estão em cartaz no cinema. A entrada é uma conta de luz e mais R\$ 2,00, podendo todos assistir moradores da comunidade ou não.**



**Figura 22:** Cine Teatro da Biblioteca Parque de Manguinhos.  
**Fonte:** foto tirada pela autora – 27/09/2013.

Depois conhecemos a Ludoteca, que é uma Biblioteca infantil. E segundo a Bibliotecária:

**- Frequentam crianças de 0 a 10 anos. Sendo que de 0 a 3 devem ser acompanhadas pelos pais. Fazemos ações culturais todos os dias. As atividades são: contação de história; pais e filhos, que consiste no pai que acompanha a criança e conta a história para todas as crianças, a**



criança também conta a história; o sarauzinho de poesia entre outras. Nesse setor não existem bibliotecários, a formação das pessoas que aqui trabalham é em pedagogia e letras.



**Figura 23:** Ludoteca da Biblioteca Parque de Manguinhos.  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 27/09/2013.

**- A classificação técnica dos livros infantis não é a 028.5 - da CDD - literatura infantil e sim uma classificação especial usada pela FNLIJ, de 0 a 89. Com a reabertura da Biblioteca Pública do Estado – que será reinaugurada também nos padrões de Biblioteca Parque, todo o processamento técnico das três bibliotecas: Niterói, Manguinhos e Rocinha será centralizado na BPE, as Bibliotecas vão receber os livros prontos.**

Conhecendo o salão principal:

**- Nesse primeiro setor ficam as obras de 700 a 900, é um espaço de encontro, os usuários não precisam fazer silêncio, nos computadores podem acessar todos os sites exceto os pornográficos e de incentivo a violência. Todas as estantes são baixas. Com três prateleiras, os livros devem estar ao alcance das mãos e perto dos computadores para que baste os usuários esticarem um braço para pegarem o livro. Neste setor estão as obras de literatura, geografia, história, artes, música e cinema. A Biblioteca é composta de aproximadamente 27 mil títulos de livros e DVDs.**



**Figura 24:** salão principal da Biblioteca Parque de Manguinhos.  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 27/09/2013.



**Figura 25:** salão principal da Biblioteca Parque de Manguinhos.  
**Fonte:** foto tirada pela autora – 27/09/2013.

- **No salão superior, no segundo andar, ficam as obras de 000 a 600, esse salão é diferente do outro, o usuário deve fazer silêncio, os computadores são só para a pesquisa sendo um salão de estudos. A Bibliotecária nos relatou que ela participou da seleção dos livros para a formação da Biblioteca de Manguinhos. Compramos tudo que é de melhor para o nosso usuário.**



**Figura 26:** Setor de pesquisa da Biblioteca Parque de Manguinhos. - 2 andar.  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 27/09/2013.



**Figura 27:** Setor de pesquisa da Biblioteca Parque de Manguinhos.  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 27/09/2013.

**\_ Na sala Meu Bairro ocorrem as rodas de leitura, encontro com os autores e alguns cursos como libras e alemão. Essa sala é emprestada para a comunidade.**



**Figura 28:** sala Meu Bairro da Biblioteca Parque de Manguinhos. - 1 andar  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 27/09/2013.

**- A multidisciplinaridade na formação da equipe é um fator importante, porque cada um deles auxiliam o usuário em algum aspecto.**

**- Temos assistentes sociais inserindo os jovens na escola, no mercado de trabalho. Muitas vezes auxiliando também em problemas pessoais da vida desses jovens.**

**- Temos também um ator, por conta das nossas dramatizações feitas pelos próprios funcionários da equipe.**

**- Há uma mediadora de leitura com formação em Letras, que é responsável pela a ação cultural relacionada ao incentivo à leitura. Ocorrem regulamente rodas de leitura como outras atividades.**

**-Temos um Braille, existe um funcionário que lê em braille para que a Bibliotecária possa fazer a catalogação. O usuário cego também pode colocar o livro ou a revista em um aparelho que lê em voz.**

**O setor de multimídia o usuário pode assistir e ouvir o filme de qualquer DVD do acervo.**



**Figura 29:** Setor de Multimídia da Biblioteca Parque de Manguinhos 1 andar.  
**Fonte:** foto tirada pela autora – 27/09/2013.

Nessa visita guiada vimos que a Biblioteca de Manguinhos possui um dos maiores acervos do Rio de Janeiro com 27.000 mil títulos de livros e DVDs, sabemos que a seleção de livro é feita pela Secretaria de Cultura, ou seja, quem não tem nenhum contato com o usuário final, a comunidade. Sobre essa problemática Almeida Júnior (2003, p. 88) crítica:

Só há biblioteca quando seu espaço é repleto de livros. Estantes e livros, mesmo para os bibliotecários, são sinônimos de biblioteca. Quando uma biblioteca pública, de caráter tradicional, está sendo organizada, a primeira providência dos que a coordenam é promover uma grande campanha para arrecadar livros. Pouco importa a adequação dos livros doados pela comunidade à necessidade dos usuários que serão atendidos. Importa, sim, a existência de livros nas prateleiras. A biblioteca pública tradicional só se reconhece como uma verdadeira biblioteca quando suas estantes estão repletas, abarrotadas de livros.

Em 03/12/2013, eu e minha amiga Jaciara Azeredo, também aluna do Mestrado do PPGCI-UFF fizemos uma visita à Biblioteca Parque de Manguinhos. E conversamos com a produtora cultural que trabalha no setor de cultura. No início do Mestrado pensei em concentrar a minha pesquisa em torno da Biblioteca Pública de Niterói, por uma questão de fácil localização. Mas, ao longo do trabalho fui me apaixonando por Manguinhos, por ser a

primeira Biblioteca Parque, ela tem mais tempo de implantação, teve a impressão de ser o “modelo parque” que alavancou mais. É a única biblioteca que tem uma mediadora de leitura todos os dias. Não tendo apenas eventos espaçados e sem um devido envolvimento da comunidade a sua volta.

Conforme dito anteriormente a Biblioteca é dividida na Ludoteca, onde ficam as crianças de zero a dez anos e têm atividades todos os dias. Onde todo mês eles trabalham um tema. Nesse mês de dezembro o tema é Meu Jeitinho Especial de Ser, que trabalha a cultura popular. As atividades que ocorrem são ligadas às artes, à cultura e o meio ambiente.



**Figura 30:** Ludoteca da Biblioteca Parque de Manguinhos.  
**Fonte:** foto tirada pela autora – 03/12/2013.



**Figura 31:** Criação das crianças da Biblioteca Parque de Manguinhos: trabalho feito com sucatas.  
**Fonte:** foto tirada pela autora – 03/12/2013.



**Figura 32:** fotos das crianças da Biblioteca Parque de Manguinhos.  
**Fonte:** foto tirada pela autora– 03/12/2013.

### **Entrevista com a produtora cultural da BPM.**

- Após os 11 anos as crianças vão para outra divisão da Biblioteca o salão principal, ou seja, podem utilizar toda a extensão da Biblioteca. Muitas crianças ficam assustadas porque viviam num mundo pequeno a Ludoteca, que é uma parte fora da Biblioteca e num piscar de olhos se deparam com mundo tão extenso. No salão principal não é necessário fazer silêncio, o segundo andar é separado e reservado para estudo. A Biblioteca é um lugar de diálogos, conversas e troca de experiências.

- A maioria desses usuários é adolescente de 11 a 18 anos. O nosso grande desafio é competir com a internet, com a rede social e jogos eletrônicos, por isso damos uma pausa nos computadores de 12:00 – 16:00. Ainda estamos em aperfeiçoamento gostaríamos de estudar as redes como instrumento de incentivo a leitura, fazer dela uma aliada e não um inimigo.

- Uma maneira que vimos para despertar o gosto pela leitura foi através de atividades que envolvam as histórias em quadrinhos. Vimos essa literatura como uma forma de aproximação da linguagem deles.

- Constatamos muitas falhas no processo de aprendizado dessas crianças, até uma resistência em relação à leitura. Infelizmente não

podemos fazer o papel da escola, nossa função é só de auxiliar e ajudar na formação desses sujeitos leitores.



**Figura 33:** Foto do cartaz do primeiro concurso de Desenhos Mangás e História em Quadrinhos.

**Fonte:** foto tirada pela autora – 03/12/2013.

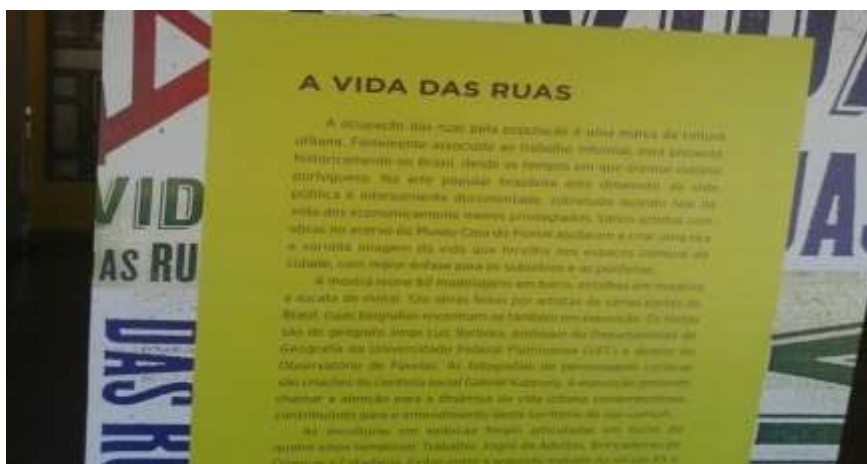


**Figura 34:** Expositor de Histórias em Quadrinhos da Biblioteca Parque de Manguinhos.

**Fonte:** foto tirada pela autora– 03/12/2013.

Nesse dia, na entrada da Biblioteca, vimos uma exposição com o tema “A vida das ruas”.





**Figura 35:** Foto da exposição “A vida das ruas” –Biblioteca Parque de Manguinhos.

**Fonte:** Foto tirada pela autora– 03/12/2013.



**Figura 36:** Foto da exposição “A Vida das Ruas” – Biblioteca Parque de Manguinhos.

**Fonte:** foto tirada pela autora– 03/12/2013.

Retornamos à Manguinhos em 20/12/2013, dia da final do primeiro concurso de desenhos de Mangás e Histórias em quadrinhos da Biblioteca Parque de Manguinhos. Minha amiga Jaciara Azeredo fez uma palestra sobre quadrinhos como fontes de informação. Houve muita interação do público com a palestra, vimos que os meninos são leitores em potencial dos quadrinhos. Fizeram perguntas sobre as histórias e personagens. Estavam também todos ansiosos com a premiação.



**Figura 37:** Foto da palestrante Jaciara Azeredo. Premiação de Histórias em Quadrinhos da Biblioteca Parque de Manguinhos.

**Fonte:** foto tirada pela autora –20/12/2013.

Os vencedores ganharam diploma e a oportunidade de confeccionar uma capa de história em quadrinhos.



**Figura 38:** Crianças fotografando a premiação do concurso de HQs na Biblioteca Parque de Manguinhos.

**Fonte:** foto tirada pela autora –20/12/2013.

Na maioria dos dias de visitas à BPM presenciei atividades culturais. Nesse sentido é um ótimo caminho para a Biblioteca Pública cumprir seu papel social com a sua comunidade. Na medida em que:

Quando dizemos que o papel social da biblioteca pública está no acesso e disponibilidade à informação, traçamos claramente um objetivo crucial dessas instituições, ele poderá ser alcançado através de projetos culturais que visem à disseminação da leitura. Um dos serviços da

Biblioteca Pública perante a sua comunidade é a introdução de projetos culturais, atendendo ao seu objetivo de disseminar a cultura e a leitura aos seus usuários. A realização de projetos culturais de leitura em bibliotecas já faz parte do leque de atividades destas e coincidem quanto ao objetivo principal, que é incentivar a leitura e a cultura na comunidade (BERNARDINO; SUAIDEN, 2011, p. 31).

Dia 20/02/2014, mais uma ida à Manguinhos. Nesse dia, a intenção foi de conversar com a mediadora de leitura. Duas atividades culturais se manifestavam, nesse dia. A roda de leitura, que ocorrem todas as quintas-feiras e a exibição de um documentário denominado “Hiato de Vladimir Seixas”, sobre os famosos “rolezinhos” que estão acontecendo atualmente nos Shoppings do Rio de Janeiro.

A entrevista com a mediadora foi um pouco rápida, porque estava quase no horário da roda de leitura, mas foi uma conversa proveitosa. Ela começou falando um pouco do seu trabalho:

### **Entrevista com a mediadora da Biblioteca Parque de Manguinhos**

**- Pela divulgação do meu trabalho de mediadora em Manguinhos, fui convidada para fazer um projeto da prefeitura “Circulando”, que ocorrem todas as terças-feiras, para mediar à leitura nos abrigos da prefeitura.**

**- Aqui, no trabalho em Manguinhos ainda não vi grande avanços em termos de formação do sujeito, pois mediação é um trabalho de formiguinha, aqui os jovens usam a Biblioteca como ponto de encontro, utilizar a internet, assistir as sessões de vídeo namorando. Mas as ações ligaram as pessoas e quebrou o gelo que havia na Biblioteca entre funcionários e usuários.**

**- Quando eu desenvolvo a leitura ligada às atividades lúdicas é o maior sucesso, geralmente são gincanas agora em fevereiro estamos realizando sobre o carnaval, eles têm que procurar tudo no acervo sobre o carnaval, pesquisar na internet sobre o carnaval no Rio de Janeiro. E um desfile à fantasia. Também tarefa de leitura e escrita.**

**- Também fizemos duas gincanas culturais, aproveitando o mês de janeiro, mês das férias. Uma gincana foi a de prosa. Noutra, fizemos um**

cardápio de poesia, onde eles podiam escolher, fazíamos também a poesia musicada, cantar a poesia com instrumentos deles.

- A outra foi sobre o folclore, onde eles liam as histórias em voz alta e se caracterizavam de personagens do folclore.

- Também temos muitas oficinas: estamos com uma de teatro, uma aos sábados de escrita com uma professora de português, eles mesmo vão produzir os textos para a nossa revista mensal: Setor X. Segunda-feira a Biblioteca é fechada para o público, mas ocorrem as oficinas de música de vários instrumentos.

- Ao meu ver, os livros não motivam muito, temos também, um problema de compra de acervo, os livros são comprados pela Secretaria de Cultura, os funcionários e usuários não opinam sobre a compra, a estrutura é rígida, quando alguém pede alguma coisa eles alegam falta de verba. Em tese a Biblioteca Parque é maravilhosa, mas tem esse grande problema, analisando esse acervo, por exemplo, a maioria dos livros é voltada para a graduação e a pós-graduação, e os nossos usuários são de ensino médio e fundamental.

- Fazemos muitas atividades culturais de acordo com que os usuários pedem, mas a compra de livro, já fizemos abaixo assinado para a Secretaria de Cultura ceder nesse aspecto, e nada conseguimos.

- Vimos na Ludoteca, um trabalho com mais resultados por ser um trabalho desenvolvido com crianças. E a equipe da Ludoteca é uma equipe excelente para a formação do leitor. Temos três bibliotecários, mas eles não participam de nenhuma atividade de mediação. Só quando a atividade precisa envolver todos os funcionários como uma dramatização, por exemplo. O porquê de eles não participarem eu não sei.

Na entrevista acima, vimos que o acervo não é adequado para os usuários, que se constitui, em maioria, por alunos de ensino fundamental e segundo grau.

A biblioteca pública, hoje, por não considerar como sua função primordial atender a alunos (só o fazendo, como dissemos pela inexistência de bibliotecas escolares), não

está preocupada com a formação de um acervo que possa atender aos interesses desses usuários. A sua coleção é desenvolvida, considerando o atendimento de um público que, quase sempre, não frequenta o espaço da biblioteca. Poucos são os materiais, normalmente doados, que estão voltados para os alunos (ALMEIDA JÚNIOR, 2003, p. 78).

Quanto à declaração na entrevista da mediadora “os livros não motivam muito” Almeida Júnior (2003, p. 78) ressalta que: “Todo o trabalho é voltado quase que exclusivamente para o livro. Deseja-se que a biblioteca se dissocie do livro como seu suporte básico de trabalho”. O autor aborda que o livro não deve constituir o único nem o melhor suporte informacional. E que os bibliotecários afirmam que seu objeto de estudo é a informação, mais a sua prática profissional aponta para o livro.

Conforme enfatizamos, em todas as Bibliotecas que visitamos a questão do não envolvimento do bibliotecário na ação cultural. É necessário que o profissional tente mudar a sua postura e o seu pensamento, mesmo que existam algumas barreiras. De acordo com Almeida Júnior, autor que recorreremos como base de desenvolvimento de nosso campo empírico, afirma que a mediação envolve todo o fazer bibliotecário definindo mediação da informação como:

Toda ação e interferência – realizada pelo profissional da informação -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92).

O autor ressalta ainda que a mediação abarca todo fazer do profissional da informação, e essa “mediação passa a se constituir não como coadjuvante no âmbito da Ciência da Informação, mais interferindo em seu próprio objeto” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92).

Mais especificamente, ressaltando o papel do bibliotecário como mediador da informação/leitura, concordamos que:

O papel do bibliotecário está embutido na função de agente socializador da informação, contribuindo no

processo de aprendizagem dos indivíduos através das mais diversas formas de leitura, como também em suas práticas, ajudando o leitor a atingir um nível maior de complexidade no processo de ler/escrever e de produzir sentidos (RASTELI; CAVALCANTE, 2013, p. 169).

Dia 01/04/2014, fui à Biblioteca Parque de Manguinhos. Nesse dia, o objetivo era ter a fala, a voz da comunidade. Como minha pesquisa foi mais intensa em Manguinhos, entrevistei uma amostra de 20 usuários. O perfil destes é: adolescente de 13 a 18 anos. Por isso algumas falas se parecem.

As perguntas foram às seguintes:

- Idade?
- Estudante do Colégio Estadual Luiz Carlos da Vila, morador, visitante?
- Os professores incentivam a utilização da Biblioteca?
- Que tipo de material utiliza? Livros, filmes, internet e outros?
- Há quanto tempo utiliza? Frequencia?
- Já participou de alguma atividade de ação cultural?
- O que a Biblioteca representa para você e para a sua comunidade?

## **FALA DA COMUNIDADE DE MANGUINHOS**

### **Entrevistado 1:**

**-13 anos.**

**-Sou morador do Jacaré não estudo aqui.**

**-Utilizo a internet, leio livros, vejo filmes.**

**-Venho de duas a três vezes na semana.**

**-Já participei de atividades, quando todo mundo tinha que se reunir e tirar foto para a televisão.**

**-Acho a Biblioteca legal e importante.**

### **Entrevistado 2:**

**-14 anos**

**-Estudo aqui perto, moro no complexo de Manguinhos.**

**-Todo dia depois da escola venho para cá;**

**- Nunca participei e nunca vi nenhuma atividade de ação cultural.**

**- Acho a Biblioteca um lugar legal que pode ler livros e acessar a internet.**

### **Entrevistado 3:**

**- 45 anos.**

**- Moro aqui mesmo na favela do Jacaré.**

**- Sempre venho aqui para pegar livro emprestado de literatura e didático.**

**- Domingo mesmo participei de uma atividade, Maratona da Mulher, sempre participo de atividades que a Biblioteca promove.**

**- Essa Biblioteca era tudo que a nossa comunidade precisava, é uma Biblioteca para todas as faixas de idade.**

### **Entrevistado 4:**

**- 18 anos.**

**- Moro em Manguinhos estudo em São Cristovão.**

**- Venho à Biblioteca três vezes na semana desde que inaugurou.**

**- Utilizo os livros e a internet.**

**- Não cheguei a participar das atividades.**

- **Na Biblioteca consigo ver um futuro melhor para jovens e crianças, vejo mais cultura e aprendizado.**

#### **Entrevistado 5:**

- **30 anos.**
- **Trabalho numa instituição parceira da Biblioteca aqui perto.**
- **Venho muitas vezes na Biblioteca pegar livros e utilizar a internet.**
- **A Instituição que trabalho é de Violência Doméstica e utilizamos bastante a Biblioteca para realizar nossos eventos com o intuito de informar a comunidade sobre o tema.**
- **Pelo tamanho da comunidade de Manguinhos, a favela do Jacaré eu acho o número de usuários pouquíssimos, mais os que vêm aproveitam bastante. Acho a Biblioteca um espaço importante sim de cultura.**

#### **Entrevistado 6:**

- **15 anos.**
- **Estudo no Colégio aqui na frente.**
- **Os professores nunca falaram sobre a Biblioteca.**
- **Geralmente só utilizo a internet.**
- **Venho à Biblioteca todos os dias sempre quando tenho tempo vago.**
- **Acho a Biblioteca importante.**

#### **Entrevistado 7:**

- **15 anos.**
- **Estudo no colégio aqui na frente.**



- Venho ler livros de literatura, romance, suspense.
- Venho quase todos os dias.
- No horário que eu venho nunca vi atividades.
- A Biblioteca é um espaço de aprendizado, onde ajuda os alunos a colocarem alguma coisa na cabeça, estudar para o ENEM e é menos tempo de eles se envolverem com a violência.

#### **Entrevistado 8:**

- 16 anos.
- Estudo no Colégio aqui na frente e moro em Ramos.
- Raramente os professores falam da Biblioteca quase nunca.
- Não utilizo a internet só leio os livros.
- Já vi atividades, mas nunca me interessei em participar.

#### **Entrevistado 9:**

- 15 anos.
- Moro na favela do Jacaré.
- Venho na Biblioteca quase todos os dias.
- Utilizo a internet.
- Assistir todas as peças de teatro promovidas pela Biblioteca.
- Acho um espaço importante para conversar, encontrar meus amigos, fazer mais amizades.

#### **Entrevistado 10:**

- 17 anos.
- Estudo no Colégio Estadual Luiz Carlos da Vila.

- Venho a Biblioteca algumas vezes.
- Já peguei emprestado uns dois livros.
- Venho só para conversar e namorar.
- Não participei de atividades.
- Acho a Biblioteca um espaço importante para encontrar os amigos, a maioria deles vem aqui.

#### **Entrevistado 11:**

- 14 anos.
- Moro aqui nos prédios e estudo aqui perto na Escola Municipal.
- Utilizo a internet, leio os livros e venho estudar para a prova de redação.
- Venho quase todos os dias de semana.
- Já vi teatro, aqui tem muito teatro. Só essa atividade que eu me lembro.
- Acho a Biblioteca muito linda, um espaço agradável de ficar.

#### **Entrevistado 12:**

- Moro na favela do Jacaré.
- Estudo no Estado do Guanabara,
- Não utilizo a Biblioteca todos os dias.
- Só uso a internet.
- Nunca participei de atividades.
- Acho a Biblioteca melhor para a minha comunidade.

#### **Entrevistado 13:**

- 40 anos.
- Faço academia carioca de ginástica aqui no pátio da frente.
- Venho depois da academia dar uma olhadinha na Biblioteca.
- Leio as histórias em quadrinhos.
- Nunca participei de atividades, até porque venho rápido.
- Acho a Biblioteca boa para a comunidade, assim como todas as instituições parceiras daqui do pátio.

#### **Entrevistado 14:**

- 7 anos.
- Moro ali, venho todos os dias.
- Vejo a contação de histórias, os filmes, as brincadeiras.
- Utilizo o computador.
- Eu gosto muito daqui, às vezes fico até de castigo ali fora, porque faço bagunça na Ludoteca.

#### **Entrevistado 15:**

- 14 anos.
- Estudo no Colégio Guanabara aqui perto.
- Venho ler gibis e utilizar a internet.
- Atividades só participo relacionadas as histórias em quadrinhos.
- Acho a Biblioteca um espaço de crescimento dos jovens.

#### **Entrevistado 16:**

- 13 anos
- Não moro aqui perto, meu irmão venho aqui e descobriu.

- Venho mexer no computador.
- Participo da oficina de bateria todas as segundas-feiras.
- Acho a Biblioteca importante, quero ter uma banda e aqui podemos aprender muitos instrumentos musicais.

#### **Entrevistado 17:**

- 13 anos.
- Moro na favela do Jacaré.
- Venho utilizar as redes sociais.
- Já participei de atividades assistindo filmes.
- Acho que a Biblioteca representa uma melhoria para a comunidade.

#### **Entrevistado 18:**

- 17 anos.
- Estudo no Colégio Estadual Luiz Carlos da Vila.
- Venho a Biblioteca de vez em quando.
- Às vezes venho fazer pesquisa de escola e na maioria das vezes utilizar a internet.
- Participei de todas as atividades como roda de leitura, as oficinas, não lembro de todas porque foram o ano passado época que eu fui estagiário da mediadora de leitura.
- Essa Biblioteca é diferente é mais povão feita para a gente, as outras são para outro tipo de pessoal, mais elite.

#### **Entrevistado 19:**

- 60 anos.
- Moro na favela do Jacaré.

- **Venho duas a três vezes na semana.**
- **Venho ler livros e jornais.**
- **A Biblioteca é tudo de bom tem teatro, cursos e oficinas.**

### **Entrevistado 20:**

- **17 anos.**
- **Estudo no Colégio Estadual Luiz Carlos da Vila.**
- **Os professores não falam da Biblioteca.**
- **Venho todos os dias usar a internet e ler as histórias em quadrinhos.**
- **Participo dos concursos de quadrinhos.**
- **Acho a Biblioteca nota 10 para mim e para a comunidade.**

Em pesquisa de campo na Biblioteca Parque de Manguinhos, constatamos que existem práticas culturais promovidas na Biblioteca. Só que, muitas vezes, o usuário só procura o computador. O grande desafio de Manguinhos e de outras Bibliotecas Parques é a mediação de leitura. Na Biblioteca de Manguinhos é necessário práticas de leitura que se configure como ação cultural e chame a atenção desses jovens frequentadores do espaço. Estamos numa época em que as relações humanas vão se configurando como virtuais e a Biblioteca Parque de Manguinhos é um espaço de diálogo, troca de experiências, conversas e encontros.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Conforme podemos perceber, a ação cultural deve constituir a principal função da Biblioteca Pública. Essa ação se caracteriza por dar voz à comunidade. A ação cultural que aqui tratamos é uma ação cultural libertadora, conforme definida por Paulo Freire (2002), baseada no diálogo, estimulando o processo de criação com os sujeitos, para que estes se libertem da visão ingênua em que vivem, tornando-se, desse modo, cidadãos conscientes.

Trabalhamos também com a conceituação ampla de leitura, abordamos a desescolarização da leitura, dessa forma, desassociamos o ato de ler das práticas pedagógicas rígidas e relacionamos a leitura com o prazer, o encantamento e os sentimentos do leitor.

Acreditamos que a mediação de leitura é o melhor caminho para refletirmos sobre a ação cultural na Biblioteca Parque. Então, para que o conceito Biblioteca Parque funcione de um modo pleno, a mediação de leitura deve ser a principal preocupação das Bibliotecas Parques.

No caso específico de Manguinhos, observamos que existe uma mediadora de leitura para trabalhar as necessidades e expectativas dos usuários. Esses, em sua maioria, constituído por alunos do Colégio Estadual Luiz Carlos da Vila, adolescentes e jovens entre 11 e 20 anos. Nesse espaço, a história em quadrinhos e a internet constituem no tipo de leitura preferida desses usuários. Porém, na Biblioteca de Manguinhos, a internet ainda é considerada pelos funcionários como uma ameaça à promoção da leitura. Os funcionários alegam que é muito difícil competir com a internet e os jogos eletrônicos. A solução encontrada por eles foi desligar os computadores de 12:00 h as 14:00h e nesse horário realizar outras atividades culturais.

Refletindo sobre a questão das novas tecnologias, essa deveria ser considerada um suporte de leitura, uma aliada para despertar o gosto e o prazer de ler.

Observamos também que muitas das atividades que ocorrem nas Bibliotecas Niterói, Manguinhos e Rocinha, funcionam apenas como meros eventos, isolados uns dos outros, não se caracterizando como uma ação cultural transformadora.

Constatamos que a ação cultural das Bibliotecas Parques é elaborada por um setor cultural e nesse setor não tem profissional bibliotecário, e sim profissionais formados entre áreas do conhecimento.

As Bibliotecas Parques funcionam como centros culturais, que têm objetivo de trazer a cultura popular formada pelas comunidades para a Biblioteca. Na Biblioteca Parque da Rocinha, por exemplo, as ações são feitas por moradores, como o sarau de poesia entre outras atividades.

Também é importante destacarmos a relação Biblioteca junto à comunidade. Em nossas visitas observamos que as atividades culturais que ocorrem na Biblioteca Parque da Rocinha e na Biblioteca Parque de Manguinhos são promovidas para e com a comunidade.

Conforme vimos, e definido por Flusser: a Biblioteca Pública deve ser uma Biblioteca ação cultural. A política cultural de uma biblioteca deve ser definida por seus usuários, onde estes escolhem o que deve compor um acervo.

Nesse sentido, a Secretaria de Cultura padroniza a compra de material nas três Bibliotecas. As conclusões a que chegamos nos direcionam a seguinte pergunta: Como essas Bibliotecas Parques podem representar uma Biblioteca ação cultural? No caso específico de Manguinhos vimos que o acervo é voltado para graduados e pós-graduados e a maioria de seus usuários é adolescente de 13 a 18 anos. Indagamos o que realmente esse acervo representa para essa comunidade?

Com a presente pesquisa acreditamos que a função principal da Biblioteca Pública é atender a todos os públicos sem distinção: analfabetos, crianças em idade pré-escolar, jovens, adultos e idosos. Visando sempre a inclusão cultural de todos os sujeitos. É auxiliar esses indivíduos a enxergarem o mundo com os seus próprios olhos.

Nesse sentido, percebemos que nas Bibliotecas Parques a ação cultural é mais promovida para as crianças, os funcionários acreditam que é mais fácil criar o hábito da leitura em crianças. As ações com os adultos ocorrem em menor proporção. Com os idosos a ação cultural é inexistente. Então pensamos sobre a seguinte questão: a inclusão cultural promovida pela Biblioteca Parque é realmente de todos, sem distinção?

Vimos que o primeiro modelo com face de Biblioteca Parque implantado no Brasil foi a Biblioteca Parque de Manguinhos. O segundo foi a Biblioteca Pública de Niterói. E o terceiro modelo foi a Biblioteca Parque da Rocinha. Essas três bibliotecas são coirmãs, vinculadas à Secretaria Estadual de Cultura. Durante a fase final de desenvolvimento da nossa pesquisa mais um modelo Parque foi implantado, a Biblioteca Parque do Estado do Rio de Janeiro, inaugurado em março em 2014. Esperamos ver essa ação cultural e inclusão cultural atuante e plena nessa nova Biblioteca.

É importante ressaltar que essa pesquisa tem um recorte temporal do ano de 2012 a 2014. O que retratamos aqui pode ser aperfeiçoado com o tempo nas Bibliotecas Parques, então as considerações finais são passíveis de modificações.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alex Serrano, GONÇALVES, Renata Braz. Inclusão social e suas abordagens na Ciência da Informação: análise da produção científica em periódicos da área de Ciência da Informação no período de 2001 a 2010. **Encontros Bibli:** revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, SC. v.18, n.37, p.239-264, maio/ago, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb>> Acesso em: 19 abr. 2014.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. **Biblioteca Pública:** avaliação de serviços. Londrina, PR : EDUEL, 2003.

\_\_\_\_\_. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesq. Bras. Ci. Inf.**, Brasília, DF, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez., 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pcbci/index>> Acesso em: 19 abr. 2014.

AMORIM, Simone Rodrigues. **A abordagem da cidadania cultural na formação do Plano Nacional do livro e leitura PNLL.** Rio de Janeiro, 2009. 97f. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Fundação Getúlio Vargas, 2009. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br> >. Acesso em: 26 jan. 2014.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga. **A palavra e o silêncio:** Biblioteca Pública e Estado autoritário no Brasil. João Pessoa : UFPB, 2002. 99 p.

BARRETO, Angela Maria, PARADELLA, Maria Dulce, ASSIS, Sônia. Bibliotecas públicas e telecentros: ambientes democráticos e alternativos para a inclusão social. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v. 37, n. 1, p. 27-36, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br>>. Acesso em: 03 set. 2012.

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; SUAIDEN, José Emir. O papel social da biblioteca pública na interação informação e conhecimento no contexto da ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 16, n. 4, p. 29-

41, out./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br>>. Acesso em: 03 ago. 2012.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **EM TESE**: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Santa Catarina. v. 2, n. 1, jan/jul, p. 68-80, 2005. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

BORTOLIN, Sueli. **A leitura literária nas Bibliotecas de Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador**. Marília, 2001. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Paulista, Marília, São Paulo, 2001. Disponível em: <[www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/.../bortolin\\_s\\_me\\_mar.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/.../bortolin_s_me_mar.pdf)> Acesso em: 22 abr. 2013.

BRAGA, Kátia Soares. Aspectos relevantes para seleção de metodologia adequada “a pesquisa social em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana. **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília, DF. : Thesaurus, 2007. 192 p. cap. 1, p.17-39.

CABRAL, Ana Maria Rezende. Ação cultural: possibilidades de atuação do bibliotecário. In: BIBLIOTECA ESCOLAR, 1999, Belo Horizonte. **Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 39 - 45. Disponível em: < <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/106.pdf> >. Acesso em: 28 maio 2013.

CALABRE, Lia. Políticas culturais no Brasil: balanço e perspectivas. p. 87-108. In: **Políticas culturais no Brasil**. Salvador : EDFBA, 2007. (Coleção Cult). 179p. cap. 3, p.109-133.

CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CHAUI, Marilena. Política cultural, cultura política e patrimônio histórico. In: Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo : DPH, 1992, p. 37-46

\_\_\_\_\_. Cultura e democracia. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Buenos Aires, v. 1, n. 1, jun. 2008. Disponível em: < <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf> > Acesso em: 10 abr. de 2013.

CHARTIER, Roger. Do livro a leitura. In: **Práticas da leitura**. 5.ed. São Paulo : Estação Liberdade, 2011, p.77-106.

COELHO NETO, Francisco Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos, 216).

\_\_\_\_\_, Francisco Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. 3.ed. São Paulo : FAPESP, 2004.

COSTA, Lêda Maria Ramos. **Biblioteca de Caráter Público e Práticas Leitoras**. Bahia, 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2011. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br> >. Acesso em: 28 jun. 2013.

CUNHA, Vanda Angélica da. A Biblioteca Pública no cenário da sociedade da informação. **Biblos**, Rio Grande, v.4, n.15, p.67-76, abr./jun., 2003. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br>>. Acesso em: 26 jan. 2013.

Diretrizes para a política Nacional do Livro e Leitura. Brasília, D.F : MEC, MINC, 2006. Disponível em: < [http:// www.pnll.gov.br](http://www.pnll.gov.br)>. Acesso em: 13 nov. 2013.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo : Martins Fontes, 2005.

FLUSSER, Victor. Uma biblioteca verdadeiramente pública. **Revista da escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, MG, v. 9, n. 2, p. 131-138, 1980. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br>> Acesso em: 17 jan. 2013.

\_\_\_\_\_. O bibliotecário animador: considerações sobre sua formação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p.230-236, set. 1982. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br>> Acesso em: 17 jan. 2013.

\_\_\_\_\_. A Biblioteca como instrumento de ação cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, MG, v.12, n.2, p.145-169, set. 1983. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br>> Acesso em: 17 jan. 2013.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre : Artmed, 1994.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. 10.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo : Cortez, 2011.

GEERTZ, Clifford: **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1972.

LOPES, Jorge. **O fazer do trabalho científico em Ciências Sociais Aplicadas**. Recife : Ed. Universitária UFPE, 2006, 303 p.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/>>. Acesso em: 28 fev. 2014.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo : Cia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **No bosque do espelho:** ensaios sobre palavras e mundos. São Paulo : Cia das Letras, 2000.

MELLO, Eliana Müller de et al. Identidade e Inclusão Social: da teoria à prática interdisciplinar. **Prâxis:** Revista do ICHLA, Novo Hamburgo, v. 4, n. 2, p. 119-126, 2007. Disponível em: <<http://www.pucpr.br> >. Acesso em: 28 fev. 2014.

MILANESI, Luis Augusto. **Ordenar para desordenar:** Centros de Cultura e Bibliotecas Públicas. São Paulo : Brasiliense, 1986. 261p.

\_\_\_\_\_. **A casa da invenção:** biblioteca centro de cultura. 3.ed. São Caetano do Sul, SP : Ateliê Editorial, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 2.ed. São Paulo : ABRASCO, 1993.

MIRANDA, Antonio. A missão da biblioteca pública no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, D.F., v.6, n.1, p.69-75, 1978. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/journal.php?dd0=8> >. Acesso em: 20 nov. 2013.

NÓBREGA, Nanci Gonçalves. A biblioteca e sua ação. **Comunicação e Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p.113-122, 2003. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/index.php/ci> >. Acesso em: 20 out. 2014.

\_\_\_\_\_. No espelho, o trickster. In: **Mediação de leitura:** discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo : Global, 2009, 284 p. cap. pt. 1, p. 95-112.

PAIVA, Marília de Abreu Martins de. **Bibliotecas Públicas: Políticas do Estado brasileiro de 1990 a 2006.** Belo Horizonte, MG, 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/> >. Acesso em: 20 out. 2012.

RASTELI, Alessandro, CAVALCANTI, Lúcia Eugênia. A competência em informação e o bibliotecário mediador de leitura em biblioteca pública. **Encontros Bibli.** v.18, n.36, p.157-180, jan/abr. 2013. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br> > Acesso em: 11 nov. 2012.

RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Estado de Cultura. **Plano Estadual de Cultura. Programa de Leitura Superintendência da Leitura e do Conhecimento. Texto de propostas 2012.** Disponível em: <<http://www.cultura.rj.gov.br/projeto/plano-estadual-de-cultura>>. Acesso em: 05 abr. 2013.

ROSA, Anelise Silva Jesus da. A prática da ação cultural em bibliotecas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 14, n. 2, p. 372-381, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br> > Acesso em: 10 out. 2012.

RUBIM, Antônio Canelas. Políticas culturais no Brasil: tristes tradições, enormes desafios, p.12-32. In: **Políticas culturais no Brasil**. Salvador : EDUFBA, 2007. (Coleção Cult). Cap. 1, p.11-36.

SILVA, Aline Gonçalves da. **A Biblioteca Pública como fator relevante no processo de inclusão social e digital: um estudo de caso da Biblioteca Parque de Manguinhos.** Rio de Janeiro, 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: < <http://tede-dep.ibict.br/bitstream/tde/100/1/silva2012.pdf> >. Acesso em: 22 abr. 2013.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Da Necessidade de somatória de energias para enfrentar a problemática da leitura no Brasil. In: **PNLL: Textos e histórias.** São Paulo : Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: < <http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br>>. Acesso em: 18 out. 2013.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento; REIS, Alcenir Soares dos. Biblioteca Pública como lugar de práticas culturais: uma discussão sócio histórica. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 21, n. 1, p. 37-54, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br> > Acesso em: 10 set. 2012.

SUAIDEM, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF. v.29, n.2, p.52-60, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://www.ibict.br>> Acesso em: 03 de set. 2012.

UNESCO. Manifesto da UNESCO sobre Biblioteca Pública. Novembro, 1994. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 10 de mar. 2014.

YUNES, Eliana. Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo. In: **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro : PUC RIO, 2002. 178 p. cap. 1, p.13-51.

\_\_\_\_\_. Leituras, experiência e cidadania. In: **A experiência da leitura**. São Paulo : Edições Loyola, 2003. 133 p. cap. 1, p. 7-15.

WERSIG, G., NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. **The Information Scientist**. v.9, n.4, p.127-140, 1975.

WILDER, Gabriela Suzana. **Inclusão social e cultural: arte contemporânea e educação e museus**. São Paulo : UNESP, 2009.